

SUSANA FÁTIMA SILVA PINTO

**A INFLUÊNCIA DAS ATITUDES E DA ANSIEDADE
FACE À MORTE NA IMORTALIDADE SIMBÓLICA
EM ESTUDANTES**

Orientador: Edgar Pereira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2011

SUSANA FÁTIMA SILVA PINTO

**A INFLUÊNCIA DAS ATITUDES E DA ANSIEDADE
FACE À MORTE NA IMORTALIDADE SIMBÓLICA
EM ESTUDANTES**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, no Curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Edgar Pereira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2011

Epígrafe

“Todo homem é mortal. Essa verdade parece ser válida apenas para as outras pessoas. Não para nós que vivemos guiados pela afirmação oposta: 'Eu sou imortal' E iluminados por essa ilusão de imortalidade fingimos desconhecer que todo homem nasce grávido da morte.”

Hermínio Sargentim

Dedicatória

Ao Pedro, pelo seu amor incondicional em todos os momentos, principalmente nos de incerteza, pelo seu amparo nas situações de fragilidade, mas acima de tudo, por todas as alegrias partilhadas ao longo deste percurso.

Agradecimentos

De uma forma especial agradeço a todos os colegas, estudantes universitários, pelo tempo que dedicaram ao preenchimento do meu questionário, sem eles não teria sido possível a concretização deste trabalho.

Ao Professor Doutor Edgar Pereira, meu orientador neste trabalho, pela transmissão dos seus conhecimentos, por toda a motivação que me soube transmitir, pelas críticas e sugestões que fez e tanto me ensinaram, expresso os meus agradecimentos.

A todos os meus queridos alunos, que partilharam as minhas alegrias e que me alegraram nos momentos menos bons, mantendo-se ao meu lado e auxiliando no que estava ao seu alcance.

Aos meus amigos, em especial à Andreia, à Denise e à Marta, que ouviram os meus dilemas, compreendendo quem sou e pela energia que me transmitiram em todos os momentos.

A ti, Maninha, que apareces quando é preciso um sorriso, uma boa gargalhada ou um ombro amigo.

Aos meus pais, Luís e Josefina, que me mostraram a importância da família e todos os valores agregados a ela e me apresentaram ao caminho do trabalho, da honestidade e da persistência.

Bem como, a toda a minha família, pois sempre lá estiveram.

Resumo

O presente estudo propõe-se verificar a influência das Atitudes e da Ansiedade Face à Morte na Imortalidade Simbólica em estudantes universitários. Procura igualmente perceber quais as relações entre as diferentes variáveis. Com este propósito, foram aplicadas as versões portuguesas do *Death Attitude Profile Revised* (DAP-R; Wong, Reker, & Gesser, 1994), da *Death Anxiety Scale* (DAS; Templer, 1970) e da *The Sense of Symbolic Immortality Scale* (SSIS; Drolet, 1990), juntamente com um Questionário de dados sociodemográficos. Participaram no estudo 310 estudantes universitários de 1º e 2º ciclo, com idades compreendidas entre os 18 e os 56 anos. Os resultados mostram que os estudantes obtêm valores superiores de aceitação neutra e inferiores de aceitação de escape. Relativamente à idade os indivíduos mais velhos apresentam valores superiores de medo e de evitamento da morte, assim como valores inferiores de desejo de imortalidade simbólica. Os homens apresentam resultados mais elevados de aceitação neutra, de escape, de ansiedade face à morte e de desejo de imortalidade simbólica. Constata-se que as atitudes negativas perante a morte e a imortalidade simbólica se correlacionam negativamente com a ansiedade. Os resultados encontrados corroboram a tese de que existe influência das atitudes e da ansiedade no desejo de imortalidade simbólica.

Palavras-Chave: Imortalidade Simbólica; Ansiedade Face à Morte; Atitudes Perante a Morte; Estudantes Universitários

Abstract

This paper describes the influence of Attitudes and Anxiety in the Face of Death Symbolic Immortality in college students. It also seeks to understand what the relationships between different variables. For this purpose, we applied the Portuguese versions of the Death Attitude Profile Revised (DAP-R; Wong, Reker, & Gesser, 1994), the Death Anxiety Scale (DAS; Templer, 1970) and The Sense of Symbolic Immortality Scale (SSIS ; Drolet, 1990), along with a demographic data questionnaire. 310 students of 1st and 2nd cycle, aged from 18 to 56 years, have participated in the study. The results show that students take higher values for neutral and lower acceptance of escape. With regard to age older individuals have higher values of fear and avoidance of death, as well as lower values for symbolic desire for immortality. Men have higher results neutral acceptance, escape in the face of death anxiety and desire for symbolic immortality. It appears that negative attitudes toward death and immortality symbolic correlate negatively with anxiety. The results confirm the thesis that there is influence of attitudes and anxiety in the desire for symbolic immortality.

Keywords: Symbolic Immortality; Face Death Anxiety; Attitude Towards Death; College Students

Lista de Abreviaturas

DAS. Death Anxiety Scale (Escala de Ansiedade face à morte)

SSIS. The Sense of Symbolic Immortality Scale (Escala do sentido de imortalidade simbólica)

DAP-R. Escala do Perfil de Atitudes Perante a Morte - Revisto

APM. Ansiedade Perante a Morte

Índice

Epígrafe	1
Dedicatória	2
Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Lista de Abreviaturas	6
Índice	7
Índice de Quadros	10
Introdução	11
CAPÍTULO I – Enquadramento Teórico	15
1.1- Conceito de Morte	16
1.2- Imortalidade	23
1.2.1- Imortalidade Simbólica	25
1.2.2- Modos de Imortalidade Simbólica	29
1.3- Ansiedade Perante a Morte	32
1.3.1- Ansiedade Perante a Morte e Imortalidade Simbólica	36
1.4- Atitudes Perante a Morte	37
1.4.1- Mensuração das Atitudes Perante a Morte	37
1.4.2- O Envelhecimento e as Doenças nas Atitudes Perante a Morte	38
1.5- Pertinência do Estudo	39
1.6- Objectivos e Hipóteses	40
CAPÍTULO II – Método	43
2.1- Participantes	44
2.2- Medidas	47
2.2.1- Dados Demográficos	47
2.2.2- Death Anxiety Scale (DAS)	47
2.2.3- The Sense of Symbolic Immortality Scale (SSIS)	48
2.2.4- Escala do Perfil de Atitudes Perante a Morte – Revisto (DAP-R)	51
2.3- Procedimento	55
2.3.1 – Procedimento na Recolha de Dados	55
2.3.2 – Procedimento Estatístico	56

Capítulo III – Resultados	57
3.1- Atitudes Perante a Morte	58
3.1.1- Estatística Descritiva	58
3.1.2 - Estatística Inferencial	59
3.1.2.1- Análise em Função da Idade	59
3.1.2.2- Análise em Função do Sexo	60
3.1.2.3- Análise em Função da Área de Estudo	61
3.1.2.4- Análise em Função da Religiosidade	62
3.1.2.5- Análise em Função do Estado Civil	64
3.2- DAS e SSIS	65
3.2.1- Estatística Descritiva	65
3.2.2- Estatística Inferencial	65
3.2.2.1- Análise em Função da Idade	65
3.2.2.2- Análise em Função do Sexo	66
3.2.2.3- Análise em Função da Área de Estudo	67
3.2.2.4- Análise em Função da Religiosidade	69
3.2.2.5- Análise em Função do Estado Civil	70
3.3- Relação entre as Variáveis	71
3.3.1- Relação entre a DAP-R, a DAS e a SSIS	71
3.3.2- Relação entre a DAS, a SSIS e a Idade	72
3.3.3- Relação entre a DAP-R e a Idade	73
3.4- Influência da DAP-R e da DAS na SSIS	74
Capítulo IV – Discussão	76
4.1- Escala de Perfil de Atitudes Perante a Morte (DAP-R)	77
4.2- Escala de Ansiedade Perante a Morte (DAS)	78
4.3- Escala do Sentido de Imortalidade Simbólica (SSIS)	80
4.4- Relação entre Atitudes Perante a Morte, a Ansiedade Face à Morte, o	81
Sentido de Imortalidade Simbólica e a Idade	
4.5- Influência das Atitudes Perante a Morte e da Ansiedade Face à Morte no	83
Sentido de Imortalidade Simbólica	
Capítulo V – Conclusão	85
Bibliografia Citada	88

Bibliografia de Referência	92
---	-----------

Índice Remissivo	95
-------------------------------	-----------

Apêndices

Índice de Quadros

Quadro 1.	Dados Sociodemográficos: Estatística Descritiva	46
Quadro 2.	DAP-R (Estatística Descritiva)	58
Quadro 3.	DAP-R: Comparação em função dos grupos de idades	59
Quadro 4.	DAP-R: Comparação em função do sexo	60
Quadro 5.	DAP-R: Comparação em função da área de estudo	61
Quadro 6.	DAP-R: Comparação em função da religiosidade	63
Quadro 7.	DAP-R: Comparação em função do estado civil	64
Quadro 8.	DAS e SSIS (Estatística Descritiva)	65
Quadro 9.	DAS e SSIS: Comparação em função dos grupos de idades	66
Quadro 10.	DAS e SSIS: Comparação em função do sexo	67
Quadro 11.	DAS e SSIS: Comparação em função da área de estudo	68
Quadro 12.	DAS e SSIS: Comparação em função da religiosidade	69
Quadro 13.	DAS e SSIS: Comparação em função do estado civil	70
Quadro 14.	Correlação entre a DAP-R, DAS e SSIS	71
Quadro 15.	Correlação entre a DAS, SSIS e Idade	72
Quadro 16.	Correlação entre DAP-R e Idade	73
Quadro 17.	Influência da DAP-R e da DAS na SSIS	74

Introdução

A morte apresenta-se em doses maciças nos dias de hoje, sobretudo através dos meios de comunicação social, que fazem das guerra e do terrorismo um espectáculo que não podemos perder. É verdade que não se pode esconder essa realidade, mas por outro lado, a morte continua ainda a constituir uma espécie de tabu tanto a nível individual, como colectivo, devido às mais variadas razões, utilizando diversos mecanismos para se esconder (Barros, cit. por Oliveira & Neto, 2004). Uma vez que ela faz parte da vida, os psicólogos não podem deixar o seu estudo unicamente aos médicos, aos biólogos, aos filósofos, aos literatos, aos artistas, aos teólogos e aos estudiosos da religião, pois compete-lhes interpretar o fenómeno do ponto de vista psicológico, tanto ao nível da psicologia da personalidade, como da psicologia social, e da psicologia da educação, pois é necessário não só aprender a viver e a comportar-se bem, mas também a morrer bem (Oliveira & Neto, 2004).

O Homem é o único ser vivo, com a consciência da morte e do morrer. Esta consciência resulta da amplificação dos seus níveis de percepção, podendo mesmo considerar-se uma triste inferência (Schumaker, Warren & Groth-Marnat, 1991), pois é necessário não esquecer que a consciência da morte é também a consciência da aniquilação tanto física como psicológica, embora a simbologia possa ser utilizada para transpor essa aniquilação (Lifton, 1979). É provável que a angústia da morte não seja única e exclusivamente gerida a nível individual, pois o nível cultural também tem a sua importância (Schumaker et. al., 1991). Berger (cit. por Schumaker et. al., 1991) refere-se a este último nível, afirmando que a cultura tem o papel primordial de proporcionar aos seus membros um impedimento contra o conhecimento e o medo da morte. Esse impedimento é composto de significados e crenças aprendidas, muitas das quais remontam aos dogmas religiosos convencionais e rituais relacionados. Todavia, Kübler-Ross (2008b) observou que as culturas são muito diferentes na sua forma de explicar e de dar sentido à morte. Como tal é possível afirmar que alguns sistemas culturais podem ser mais eficazes do que outros na salvaguarda dos seus membros do impacto psicológico da percepção da morte (Schumaker, Barraclough & Vagg, Charmaz, cit. por Schumaker et. al., 1991). É muito complicado o ser humano imaginar a sua própria morte, tal como Freud mencionava em 1957, deste modo a ansiedade é crescente à medida que se toma uma maior consciência da mortalidade de cada um (Santos, 2001).

Como tal, torna-se pertinente questionarmo-nos sobre o que causa a imortalidade simbólica. Templer (cit. por Santos, 2001) afirma que existem duas causas para a existência de ansiedade face à morte. As experiências vitais sobre a morte são uma delas e a outra

contemplada é a saúde psicológica, uma vez que, a ansiedade face à morte além de ser um fenómeno com diversas dimensões também depende da saúde psicológica do ser humano

Esta investigação tem como primordial intuito, recolher e interpretar informação acerca desta temática na população portuguesa, e perceber qual a influência das atitudes e da ansiedade perante a morte no desejo de imortalidade simbólica em estudantes universitários de 1º e 2º ciclo. Tentar-se-á, perceber de que modo a ansiedade face à morte, bem como as atitudes perante ela (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) se relacionam com o conceito de imortalidade nos dias de hoje e na população em questão. Embora seja um tema relativamente recente tem sido objecto de investigação por alguns autores, tanto em estudantes, bem como noutras populações mais específicas tais como doentes terminais, doentes crónicos, ou idosos. Com base nesses estudos iremos ter como sentido verificar se no nosso estudo, a influência das atitudes e da ansiedade face à morte no desejo de imortalidade simbólica se verifica. Para além disto, proceder-se-á ao estudo da relação que os conceitos poderão ter uns com os outros, bem como com a variável sociodemográfica da idade. O desenho de investigação, pelo qual se optou, será comparativo, correlacional e transversal, para estudar interacções e distinguir os grupos. É comparativo pois compara os três conceitos objecto de estudo em função dos dados provenientes da amostra. É correlacional, pois reconhece grupos de sujeitos e analisa as relações entre as variáveis. É também transversal, sendo que os participantes foram avaliados num dado momento, uma única vez, sendo a amostra recolhida considerada uma amostra de conveniência. Nesta investigação recorreu-se a tratamento estatístico, efectuado no programa informático SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) (Pereira, 2006). O trabalho de investigação encontra-se organizado por capítulos. No primeiro, será abordado o enquadramento teórico, onde se efectuou a revisão bibliográfica e onde abordaremos as diversas temáticas por subcapítulos (o conceito de morte, a imortalidade, a imortalidade simbólica, a ansiedade perante a morte e as atitudes perante a morte). Na finalização deste capítulo serão apresentados o objectivo geral, bem como os diversos objectivos específicos, assim como as hipóteses em estudo. O método utilizado nesta investigação será abordado no segundo capítulo, referindo os participantes, os instrumentos utilizados e o procedimento (de recolha de dados e estatístico). No terceiro capítulo, serão apresentados todos os resultados obtidos do tratamento estatístico dos dados e a sua descrição pormenorizada. De seguida, no quarto capítulo, será realizada a discussão, na qual se fará a revisão crítica dos resultados obtidos, com o propósito de compreender quais as pressuposições que poderão resultar dos

mesmos. Finalmente, no quinto capítulo, apresentaremos as conclusões mais pertinentes, mencionando sucintamente as ideias principais a reter que constam desta dissertação, assim como reconhecer possíveis limitações deste estudo e por fim adiantar algumas sugestões que consideramos pertinentes para trabalhos futuros. Destaca-se numa perspectiva geral, que foram seguidas as normas para elaboração e apresentação de Teses de Doutoramento e Dissertações de Mestrado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Primo & Mateus, 2008) e que para a elaboração das tabelas seguiram-se as normas da APA - American Psychological Association.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

A morte pertence a todas as idades, credos e estratos sociais, sendo considerada como a causa de muitas doenças e sintomas psíquicos, tais como doenças psicossomáticas, depressão, insónias, medos e obsessões. Alguns autores defendem que todos os medos são medo da morte (Oliveira & Neto, 2004). O desejo de imortalidade simbólica está presente em todas as pessoas independentemente da sua forma de expressão, tendo em conta as diferentes culturas e os diferentes indivíduos (Lifton, 1973).

Como tal, o presente estudo irá tentar esclarecer algumas dúvidas resultantes das preocupações teóricas acerca destes temas, tornando-se assim pertinente analisar e aprofundar conhecimentos acerca do desejo de imortalidade simbólica e da sua relação para com a ansiedade e para com os perfis de atitudes acerca da morte.

1.1- Conceito de Morte

A morte tem vindo ao longo do tempo a ocupar um lugar de destaque na vida das pessoas. Embora cada pessoa a enfrente sozinha e de uma forma particular, desde sempre a morte foi considerada uma experiência universal, que tem um efeito sobre os outros (Michalopoulou & Michalopoulou, 2002). Deve ser considerada como parte integrante da experiência humana (Steele, cit. por Michalopoulou & Michalopoulou, 2002) influenciada por diferenças culturais e circunstâncias relevantes (Giddens, cit. por Michalopoulou & Michalopoulou, 2002). Devido a isto, existem muitos rituais, determinados pela cultura e pela religião, que ajudam as pessoas a lidar com a morte. Com o passar dos anos o conceito de morte tem sofrido alterações originando desta forma um desconforto no ser humano ao lidar com este tema (Michalopoulou & Michalopoulou, 2002). Inicialmente as famílias eram maiores e os membros de várias gerações partilhavam a casa, sendo que desta forma a prática assistencial e a relação com o morrer se davam com uma maior harmonia e com um menor desconforto (Vinter, 1994).

É significativo ter em atenção que em Antropologia toda esta conjuntura é definida como o tema da morte, e que ao longo dos tempos têm-se verificado dois tipos de problemas distintos (Ramos, 1987), pois é responsabilidade do Homem perguntar-se acerca da morte e do morrer, mas não só. O ser humano também se deve questionar sobre o que faz e o porquê de estar no mundo, qual a sua missão, para onde vai e o que lhe reserva o futuro. Devido a toda esta conjugação de factores, os estudos sobre a morte aumentaram, mas focalizaram-se

apenas em determinadas dimensões e problemáticas da morte (Vieira, 1987). Tendo em conta essas problemáticas, Ramos (1987, p. 163) afirma que a morte por um lado surge como “um termo nas classificações das categorias lógicas do pensamento simbólico das sociedades humanas”, mas por outro surge como a “problemática geral das relações entre natureza e cultura, entre as imposições do biológico e as respostas do social”.

Quando a morte é referida como um termo das categorias lógicas do pensamento simbólico das sociedades humanas, passa a ser percebida em diversos parâmetros desde o nascimento, passando pelo crescimento e tudo o que nele é implicado – a vida quotidiana, a aprendizagem social, rituais, identificação sexual – chegando à doença e culminando no envelhecimento (Ramos, 1987). É necessário ter em conta nesta problemática, que até meados do século XIX, os ritos de passagem do nascimento à morte eram cercados por familiares, vizinhos e amigos, e tinham lugar na habitação das pessoas. Como a maioria dos cuidados de saúde eram realizados em casa, a morte era percepcionada como um evento comum e as crianças observavam estas ocorrências de uma forma regular e natural (Vinter, 1994).

No presente a morte é vista como um evento médico ou como uma doença, ao invés de uma fase normal da vida. Este facto é resultado das mudanças mais alargadas e sociais como a esperança média de vida ter aumentado, as unidades familiares terem-se tornado mais pequenas e as pessoas idosas viverem sozinhas (Katz & Sidell, cit. por Michalopoulou & Michalopoulou, 2002). Assim, devido ao aumento da esperança média de vida e à diminuição das taxas de mortalidade e morbilidade, acredita-se que as pessoas têm expectativas razoáveis do que vão viver, pois tornar-se-ão velhos. A morte tornou-se um longo processo comum entre as pessoas mais velhas, que morrem por doenças crónicas, doenças degenerativas do sistema cardiovascular e cancro. Ninguém espera que os seus filhos morram antes deles ou que a morte possa ser resultado possível de uma gravidez, pois é contra natura aos olhos da sociedade dos dias de hoje (Seale, cit. por Michalopoulou & Michalopoulou, 2002).

Deste modo, a morte foi transferida para o hospital. O facto de as pessoas morrerem nos hospitais, e longe da vida quotidiana, tem sido associado à negação da morte. Outro factor, que é necessário ter em consideração é o facto de a morte se ter tornado uma questão mais médica e legal, isto porque, as leis exigem um atestado de óbito com o diagnóstico feito por um médico. Com isto, coloca-se mais ênfase sobre o corpo morto ou moribundo, do que sobre a pessoa que está a morrer ou que morreu. Actualmente, existem empresas responsáveis pelo cadáver e por todos os preparativos associados ao mesmo, deixando assim, de ser

responsabilidade da família o desempenho destas funções (Katz & Sidell, cit. por Michalopoulou & Michalopoulou, 2002).

Ramos (1987) questiona-se e questiona o ser humano acerca da maneira como se poderá descobrir a directriz das atitudes perante a morte. Essa directriz será a que irá conduzir o Homem entre todo o material recolhido em várias culturas e religiões do mundo, bem como ecologias e sociedades civilizadas e primitivas, do oriente ao ocidente, seja no passado no presente ou no futuro. Reforça ainda, que em todos estes locais, civilizações, culturas e religiões existem diversas atitudes, desde as técnicas funerárias – cremação, enterramento, mumificação – ao culto dos antepassados, passando pela antropofagia, que devem ser questionadas para se conseguir ter um melhor entendimento destas problemáticas.

Desta forma, o pensamento humano é instituído como universal como foi referido inicialmente, ou seja a morte começa a ser vista de igual forma para todas as pessoas ao longo do tempo como uma relação opositiva. Isto é, “a vida e a morte afirmam-se relacionalmente e negam-se posicionalmente” (Ramos, 1987, p. 163).

Com excepção da psicanálise, uma vez que Max Schur (1975) no seu livro «A morte na vida de Freud», relata que Freud se inquietou com esta problemática (Oliveira & Barros, 1997), a Psicologia não estudava a morte, nem os comportamentos associados à mesma, colocando-se a dúvida, se era porque o behaviorismo não concordava com um assunto pouco empírico e excessivamente intrincado ou porque não tivesse coragem de o enfrentar (Oliveira & Neto, 2004).

Como foi referido anteriormente, inicialmente o tema da morte era praticamente desconhecido, pelas razões expostas na Psicologia, mas alcançando espaço em meados do século XX, mais propriamente nos anos 60 e 70, tornando-se um incremento considerável (Simões & Neto, 1994). Existem vários motivos que são mencionados para a ocorrência desta alteração (Feifel, 1990), especialmente uma vez que, o desenvolvimento do adulto e do idoso, que em situações frequentes se confrontam com a morte e com a doença, passaram a fazer parte dos estudos da psicologia do desenvolvimento, deixando assim, de se pontualizar no progresso da criança e do adolescente (Oliveira & Barros, 1997). Feifel (1990) apresenta um conjunto de circunstâncias explicativas destas alterações de paradigma Psicologia – Morte. Uma delas remete para a segunda guerra mundial, bem como dos repto do racismo, dos valores democráticos e da psicologia ter sido forçada a visualizar os contextos para além da visão positiva, outra conjuntura remete para o incremento do humanismo, bem como dos trabalhos de desenvolvimento de Piaget e a protuberância do existencialismo na Europa.

Seguindo a mesma linha, Elisabeth Kübler-Ross foi impulsionadora no destaque dado aos doentes terminais, partilhando as suas pesquisas em diversas publicações (e.g. «Sobre a morte e o morrer»), bem como Marie Hennezel (1997/2009), que realizou diversos estudos, um deles designado por «Diálogo com a morte» (Oliveira & Barros, 1997).

São ainda apresentadas alguns motivos explicativos da alienação da Psicologia em relação ao tema da morte. Um deles relacionado com a própria Psicologia e o outro relacionado com o próprio tema, pois era um tema considerado do domínio da teologia e circunscrito em tabus (Feifel, 1990). Abreu e Bracinha Vieira, em 1987, Coelho, em 1991, Barros, em 1998 e Oliveira, em 2004, são alguns dos investigadores deste tema em Portugal, embora a investigação seja muito reduzida (Santos, Lima & Santos, 2009).

O facto de a morte tocar em todas as idades, géneros, raças e condições sociais e de ser o princípio de muitas doenças, como a depressão, a insónia, as doenças psicossomáticas, bem como de diversos medos e obsessões tornou-se fulcral que o tópico da morte adquirisse relevo junto à Psicologia (Oliveira & Neto, 2004).

Deste modo, pode-se afirmar que conceitos como a morte e o morrer foram ganhando terreno nas ciências sociais e humanas, não só ao nível do estudo do desenvolvimento humano relativamente a este assunto, mas também ao nível da evolução de estudos, com o objectivo de testar teorias e modelos, bem como de testar diversos instrumentos de avaliação (Tomer & Eliason, cit. por Loureiro, 2010). Inúmeras publicações de livros e artigos podem atestar que a Psicologia se passou a interessar por esta área, bem como o número de formações realizadas para profissionais, quer de saúde, quer de outras áreas, que lidam com a morte (Silva, s/d). A Psicologia é definida como a ciência da personalidade e/ou do comportamento e como tal os seus investigadores não podem desconsiderar este quesito, deixando o seu estudo para os filósofos, artistas, literatos ou teólogos. Esta é uma questão com que se confronta cada pessoa principalmente quando têm alguma doença grave ou quando vai prosseguindo na idade, embora a morte não seleccione idades. Tendo em conta o que foi mencionado anteriormente incumbe aos investigadores a interpretação e compreensão deste assunto, seja ao nível da psicologia da educação, da personalidade, ou da psicologia social (Oliveira & Barros, 1997).

Nas sociedades tradicionais o fenómeno da morte é visto no contexto lógico do pensamento simbólico da cultura de cada um. Na Índia, em África e na América do Sul, para diversos grupos étnicos, o destino da morte é uma correlação de uma emergência para a vida, é mediada por rituais e participa na origem de um novo nascimento. O conceito de morte,

como uma diferença abrupta entre dois mundos separados radicalmente, é excepcional e tipicamente da mente. Todavia, o mundo dos não vivos, ou mundo dos mortos é negado em todas as alturas. Fazendo assim com que não seja possível encontrar a sua identidade, pois esta só é possível de encontrar através do confronto com aquilo que se nega, isto se se idealizar o universo cultural como um sistema em que se relaciona o sobrenatural e o natural (Ramos, 1987).

Lévi-Strauss¹ afirma que “a representação que uma sociedade faz para si própria da relação entre vivos e mortos reduz-se a um esforço para esconder, embelezar ou justificar, no plano do pensamento religioso, as relações reais, que prevalecem entre os vivos” (Ramos, 1987). Assim, o “nascimento e a morte reúnem dois conceitos que devem ser mantidos separados, pois são ambíguos, bem como são o alvo do esforço de conceptualização, como se os fenómenos biológicos se pudessem sujeitar à lógica do pensamento simbólico da sociedade” (Ramos, 1987, p. 166).

É bastante saliente a importância que este tema tem a nível pessoal e social, uma vez que a morte está presente e exposta em todos os meios de comunicação, mas por outro lado continua a ser considerada a nível individual uma interdição (Oliveira & Barros, 1997).

O medo da morte ou a ansiedade perante a morte salienta-se nas abordagens da morte, embora sejam temáticas diferentes. O medo define-se como uma resposta emocional, comportamental e fisiológica diante de uma ameaça externa que é reconhecida de forma consciente. A ansiedade é uma experiência emocional desagradável, com causas pouco evidentes e que é usualmente acompanhada por alterações fisiológicas e comportamentais muito similares às causadas pelo medo. Devido a estas semelhanças, por vezes são utilizados de uma forma imprecisa os termos medo e ansiedade (Beers, Fletcher, Jones, Porter & Berkwits, 2008). Verifica-se que na literatura consultada referente a estes temas (Feifel & Nagy, 1981; Kastenbaum & Aisenberg, 1983; Feifel, 1990; Simões & Neto, 1994) as duas definições são utilizados, numa grande maioria das vezes como sinónimos e de uma forma indistinta (Silva, s/d).

O aspecto da ansiedade face à morte foi um dos que mais prendeu a atenção dos psicólogos, mas usualmente os resultados dos estudos acerca deste assunto são contraditórios e chegam mesmo a não apresentar conclusões plausíveis (Conte, Weiner & Plutchic, 1982 & Lester, 1967).

¹ Lévi-Strauss, C. (1962). *La pensée sauvage*, Paris, Plon

Conte, Weiner & Plutchic (1982) afirmam que os resultados são discordantes, devido a várias causas, como a dimensão inconsciente ou consciente deste medo, bem como as variáveis intermediárias que intervêm, como a idade, o género, a religião e os traços de personalidade, mas também os instrumentos utilizados na avaliação da ansiedade perante a morte, sejam eles de natureza pluri ou unidimensional. Os estudos de Feifel & Nagy (1981), Lester (1967) e de Simões & Neto (1994) referiam num maior número de vezes a perspectiva multidimensional, bem como os estudos de Collet & Lester, Neufeldt & Holmes & Templer (cit. por Oliveira & Barros, 1997) e Kastenbaum & Costa (1977). Este carácter multidimensional e unidimensional do constructo têm sido matéria de diversos debates (Templer & Collet & Lester, cit. por Simões & Neto, 1994), bem como, a pertinência adjudicada às comensurações do medo da morte consciente ou inconsciente (Feifel e Nagy, 1981) e a conexão com as variáveis, tais como os traços de personalidade, o sexo, a idade e a religiosidade (Lester, 1967 & Hoelter & Epley, & Neufeldt & Holmes, cit. por Simões & Neto, 1994).

O desejo de ter filhos, de modo a expandir a espécie, a religião como desejo de transcendência ou o medo das doenças, que podem trazer o medo da morte, são comportamentos humanos que poderão ser compreendidos em função da morte e do morrer (Oliveira & Neto, 2004). Mas os receios do ser humano em relação à morte podem ter diversas origens. Muitas vezes estão relacionadas com as perdas, sejam perdas alistadas ao corpo, ou a perda da capacidade de cuidar, bem como da perda da hipótese de alcançar e concretizar planos e projectos. Os receios das pessoas face à morte, também podem ter origem no processo de morrer e à falta de controlo sobre os acontecimentos que rodeiam o ser humano nessa ocasião; poderá ainda estar relacionada com a preocupação relacionada com a institucionalização e com o isolamento social, que poderá advir disso (Simões & Neto, 1994).

Oliveira & Neto (2004) refere que “a morte tem a ver com o consciente e também com o inconsciente”, ou seja, o amadurecimento do ser humano irá forçosamente passar pela aceitação da morte, não se tratando apenas de um aspecto biológico, mas essencialmente humano. Com tal, é necessário ensinar a morrer, para ser possível ensinar a viver (Oliveira & Neto, 2004). Assim, os resultados das diversas observações efectuadas, tendo em conta os vários instrumentos, que se destinavam a medir o constructo corroboram que a perspectiva multidimensional da ansiedade perante a morte será a mais harmoniosa (Conte, Weiner & Plutchic, 1982; Feifel & Nagy, 1981 & Collet & Lester, cit. por Simões & Neto, 1994).

Existem disparidades significativas entre o medo inconsciente e o medo consciente da morte, tendo em conta a dimensão inconsciente da ansiedade perante a morte (Feifel, 1990) e quando se conjugam com mensurações do primeiro, avaliações do segundo, o prenúncio do nível de receio da morte aumenta significativamente (Feifel & Nagy, 1981). Devido a isto, muitos autores afirmam que o comportamento humano poderá ser uma resposta ao problema da morte (Becker, 1973; Feifel, 1977; cit. por Oliveira & Neto, 2004), pois a depressão ou as perturbações psicossomáticas, por alguns autores são julgadas um medo universal, considerando que qualquer medo representa, o medo à morte (Feifel & Nagy, 1981). Na literatura existem estudos efectuados que fazem a ligação entre a ansiedade face à morte e algumas perturbações de personalidade afirmando que estão relacionados os conceitos (Thorson & Powell, Dáttilio & Campbell, Lonetto & Templer, Frazier & Foss, cit. por Santos, 2001, p. 68).

Esta afirmação é contradita pelo psicólogo social Kalish, que assevera que o medo da morte não é regra geral de todos os seres humanos. Kalish recolheu 323 casos de pessoas que tiveram experiências muito próximas da morte, mas que sobreviveram, concluindo que apenas 23% refere pânico ou medo de morrer ou da morte sobranceira, contra 77% das pessoas que não referiram esse mesmo medo. É necessário ter em atenção, que este medo poderá não estar presente numa situação de morte iminente, mas que se poderá manifestar ao longo das diversas experiências de vida (Oliveira & Neto, 2004).

Kastenbaum e Costa (1977) interrogam a legitimidade das mensurações do medo da morte, quando estas são assentadas nas auto-avaliações, uma vez que a expressão é apenas ao nível inconsciente, mas Conte, Weiner & Plutchic (1982) contestam que se possam concluir tais factos dos estudos disponíveis, argumentando que as mensurações do medo da morte estão correlacionadas moderadamente com medidas do mesmo tipo de ansiedade geral (Simões & Neto, 1994). Estes resultados discordantes, declara Oliveira & Neto (2004), são resultado de factores como a dimensão inconsciente e consciente do medo, bem como a idade, o género, os traços de personalidade, a cultura e a religião, embora Silva (s/d) afirme que o mais importante perante a morte ou a ansiedade face à morte, são a intensidade e o ambiente que rodeiam o morrer e a pessoa morta e mais propriamente as causas.

É necessário ainda ter em conta, na discussão deste tema que na maioria das sociedades parecem ocorrer dois tipos de morte: uma biológica e outra social. Pode haver um período de dias, meses ou mesmo anos entre estas duas mortes. A morte é o fim social da pessoa ou da sua identidade social (Helman, Irish et al., cit. por Michalopoulou &

Michalopoulou, 2002). A sociedade espera uma variedade de comportamentos na direcção da morte, do morrer e do luto, deste modo a forma como as pessoas celebram a morte dá-nos a percepção sobre a sua atitude e filosofia de vida, bem como sobre a sua filosofia de morte. As pessoas como seres sociais natos necessitam de desenvolver acessórios sociais ao longo do tempo e quando a morte rompe os anexos sociais, as pessoas precisam de por fim a esse relacionamento. O funeral é um momento apropriado e socialmente aceite para a expressão do luto e da tristeza, sendo que os costumes é que determinam se um comportamento é aceitável como expressão de tristeza, tal como o choro e o soluçar. O funeral irá oferecer aos membros da família uma rede social, uma oportunidade de observar e de confortar as pessoas enlutadas, bem como de dizer o último adeus ao morto (Michalopoulou & Michalopoulou, 2002).

Como foi demonstrado, o papel da morte tem-se modificado ao longo dos anos, o que faz as pessoas sentirem-se desconfortáveis ao lidar com o assunto. Deste modo, os profissionais de saúde, que interagem frequentemente com pacientes que estão em morte iminente e com os familiares enlutados, devem ter consciência de si, com a finalidade de serem uma assistência a esses pacientes e familiares. Por essa razão, diversas formações sobre o tema da morte e do morrer têm sido oferecidos aos profissionais de saúde. Os assuntos mais pertinentes que devem ser incluídos nesses cursos são técnicas de aconselhamento e as teorias de adaptação emocional à morte e ao morrer. Também se tornou vital que para os rituais sociais de morte e de luto das diversas culturas fossem estudadas, de forma a oferecer um maior apoio aos moribundos e aos seus entes queridos durante esta última etapa da vida (Michalopoulou & Michalopoulou, 2002).

1.2- Imortalidade

O facto de todos morreremos provoca ansiedade no ser humano. Isto faz com que o seu estudo, ou a terapia às ansiedades não consiga alterar que a morte seja enxergada como algo doentio e doloroso. Desta forma, VandeCreek refere que a morte é algo poderoso, uma vez que incentiva o processo de mudança, de desenvolvimento e de evolução na organização da vida subjectiva, tanto a nível pessoal, como colectivo. Deste modo, o ser humano consegue dar um significado à sua vida (tendo em conta a sua cultura, a sua história, o seu passado,

presente e futuro), bem como a sua morte (física e psicológica). O encarar da morte torna-se mais inteligível perante o desejo de imortalidade simbólica (Santos, 2001).

A imortalidade simbólica é definida como “uma resposta adaptativa e antecipatória da enigmática e por vezes assustadora realidade da morte, bem como um meio natural baseado nos processos psicofisiológicos de formação de imagens que melhor podem ajudar o homem a lidar com a sua natureza dualística, com a sua condição existencial, que é ser pleno de potencialidade, mas também ser finito” (Santos, 2001, p. 41). O sentimento de isolamento perante uma sociedade e de que a vida não tem qualquer sentido ou significado é um dos principais causadores de distúrbios mentais afirma Lifton (cit. por Santos, 2001), mas Mathews e Mister (cit. por Santos, 2001) acrescentam, tendo em conta a teoria de Lifton e Olson (1974), que a necessidade de uma mente saudável, além de ser uma necessidade única e exclusivamente humana está directamente relacionada com a vida além morte. Esta necessidade, refere Santos (2001) manifesta-se em diversos acontecimentos históricos, tais como a gravação da moeda romana, a construção das pirâmides do Egipto, a gravação dos ícones do Cristianismo, bem como outros acontecimentos menos grandiosos. É necessário ainda ter em atenção, que nos momentos em que a humanidade pensa que pode ser destruída e desaparecer, o ser humano perde o sentido de dar um contributo para o futuro. Lifton observou este facto nos sobreviventes do holocausto. Os sobreviventes da bomba nuclear de Hiroxima afirmaram que o significado da sua vida consistia apenas em viverem como uma memória do rasto de destruição da bomba, referindo ainda que a sua vida tinha perdido o significado (Santos, 2001). Todas as pesquisas de Lifton são de uma enorme importância no que diz respeito ao conceito de imortalidade simbólica, bem como na sua relação com o processo de socialização do ser humano (Figueiredo, 1993).

Santos (2001) refere que este conceito ajuda a humanidade a entender as diversas propriedades das actividades do homem, pois conseguem abranger áreas como a espiritual, a artística, a pedagógica, passando ainda pela acção parental. Permite-nos ainda conhecer e entender melhor a história da humanidade ao longo dos tempos, bem como a possibilidade de manter um relacionamento com as gerações futuras e passadas. O conceito do desejo de imortalidade simbólica, uma vez que, consegue abranger as gerações passadas e futuras, tendo em conta o presente, conquista ainda um novo rumo pelo facto de as gerações passadas se preocuparem com as futuras, tendo um cuidado maior na transmissão de heranças e do investimento nas gerações mais novas, das gerações mais velhas.

1.2.1- Imortalidade Simbólica

À parte das questões da morte também a imortalidade simbólica e a ansiedade têm sido ligadas a esta temática.

O medo da morte é universal e vivenciada por todos os seres humanos (Hyrkas et al., 1997; cit. por Michalopoulou & Michalopoulou, 2002). A religião parece oferecer uma certa compreensão sobre a morte do mesmo modo que oferece algum alívio. É importante entender as várias crenças da sociedade multicultural. O humanismo centra-se num formulário, a imortalidade simbólica, ou seja, como as pessoas vivem na memória dos seus entes queridos. Algumas pessoas acreditam na imortalidade biológica (viver através de seus filhos) e outros na imortalidade através do seu trabalho criativo, ou da sua profissão (escrever, ensinar, arte, entre outras) (Robertson, Jay & Welch, 1997).

A morte e o estudo da morte desperta no ser humano grandes níveis de ansiedade (Kübler-Ross, 2008 & Lester & Templer & Kotre, cit. por Santos, 2005), talvez devido a esse factor o estudo da mesma e da simbologia a ela associada tenha sido descurada pela Psicologia e pela Psicanálise ao longo dos tempos. Este assunto levanta reacções emocionais adversas e confronta os investigadores com um assunto de grande magnitude, transpondo as suas capacidades empáticas e intelectuais (Lifton, cit. por Santos, 2005). O Homem é um ser ansioso por natureza, tornando-se insatisfeito, com a constante procura da felicidade. Assim o sentimento de não conseguir realizar todos os seus objectivos e planos concebidos reflecte-se numa ansiedade, que se tenta reprimir de diversas formas, a ansiedade face à morte (Santos, 2005). Para lidar com esta ansiedade o ser humano criou diversas estratégias, entre as quais os conceitos de imortalidade simbólica e o de identificação por delegação, que são o alvo de estudo de dois investigadores. Robert Jay Lifton estuda o conceito de imortalidade simbólica (Santos, 2005) e Eurico Figueiredo, que foi o primeiro investigador em Portugal a debruçar-se sobre o tema da imortalidade simbólica, com a noção de identificação por delegação (Dias & Loureiro, 2005).

Lifton delineou o conceito que transmite todo o desejo de imortalidade simbólica, ou seja, de eternidade, que o ser humano tem através das suas investigações com pessoas que foram confrontadas de uma forma dramática com a morte (Santos, 2005). Como tal, Lifton afirma que o “assunto em questão irá retratar a tendência para a manutenção de sentimentos de relação simbólica ao do espaço e do tempo com os diversos elementos da vida”. O desejo de imortalidade simbólica foi definido por Lifton como uma necessidade salutar, que tanto se

relaciona com a morte e com a vida, ou seja, com a vida para além da morte. Pode-se considerar também como sendo uma necessidade de carácter universal, que pretende manter a continuidade com os diversos constituintes da vida para além do espaço e do tempo, podendo ser uma alternativa à negação que fazemos à morte (Lifton, 1979, pg. 13).

O desejo de imortalidade simbólica está presente em todos os seres humanos, embora possam variar de cultura para cultura e de pessoa para pessoa dentro da mesma cultura, bem como dentro do mesmo indivíduo tendo em conta a fase de vida em que se encontra (Lifton, 1973). Deste modo surgiu um novo paradigma sugerido por Lifton (1973), que fundamentalmente está baseado no desenvolvimento dos processos de enunciação de símbolos, na qual, as contribuições especiais são dadas pela morte e pela vida (Drolet, cit. por Santos, 2005). Pode-se afirmar que a imortalidade simbólica contém o processo psicológico da criação de imagens, imagens essas, a que se atribui um determinado significado, assim como o que vem depois e antes do ser humano e da sua relação com todas essas coisas. A simbolização que é expressa em todas essas coisas, é a simbolização que permite ao homem viver sem negar a veracidade da morte e assim como viver para além dela (Santos, 2001).

Já Figueiredo (1991) criou a noção de identificação por delegação, afirmando que, o conceito de imortalidade simbólica assenta neste princípio, isto é no simbólico se prolongar no tempo (Santos, 2005). Assim, o desejo de imortalidade simbólica está directamente relacionado com o perpetuar da espécie e com a sua protecção (Figueiredo, 1993) fazendo com que a ansiedade face à morte seja reduzida, pois as perspectivas perante a mortalidade e a imortalidade foram alteradas. Este tema não é apenas um objectivo individual, mas um objectivo colectivo, do qual faz parte o processo de socialização, a sociedade, os grupos, a família, entre outros. É ainda a busca de um sentido para a vivência do Homem, tendo em conta a cultura e a sabedoria adquirida ao longo do tempo com a experiência, mas também a própria existência humana (Dias & Loureiro, 2005). A função da imortalidade simbólica é pedagógica, pois procura, que exista um equilíbrio psicossocial, baseado “na esperança, mas também na imaginação centrada na figura humana” (Figueiredo, 1993, pg. 45). Esta função, face ao conceito de morte, demonstra um equilíbrio crucial, tanto a nível individual, como a nível grupal, pois o desaparecimento permanente sendo individual ou colectivo é a sensação mais tormentosa, que o homem pode vir a sentir (Dias & Loureiro, 2005).

Como foi referido anteriormente, o desejo de imortalidade simbólica assenta na identificação por delegação (Figueiredo, 1993), isto é, o facto de as gerações presentes encarregarem as gerações futuras de os imortalizar e de os realizar (Santos & Pinto, 2009 &

Figueiredo, cit. por Santos & Pinto, 2009). Neste sentido as colaborações de Figueiredo (1991 e 1993) dizem que a ansiedade face à morte e a maneira como lidamos com esta ansiedade são exprimidos de geração em geração com singeleza e nitidez (Santos, 2005). O ser humano é mortal, mas as gerações sucedem-se, logo são imortais, assegurando assim a imortalidade do Homem e desta forma diminuindo a ansiedade face à morte (Figueiredo, cit. por Santos, 2005). Deste modo, este conceito de identificação por delegação fecha o simbolismo da sanidade mental do indivíduo e da sociedade, mas também da esperança e da ilusão (Santos, 2005).

A necessidade dos homens conservarem, protegerem e desenvolverem a ideia de eternidade, de continuação após a morte, ou seja, o desejo de imortalidade simbólica, aparece principalmente quando a consciência do fim desponta (Santos & Bastos, 2009). O Homem tem necessidade de fazer parte, ao longo da sua vida, de algo maior, algo com um enorme significado e duração, sem ser única e exclusivamente a sua existência como indivíduo (Lifton, 1979; Lifton & Olson, 1974). Deste modo o Homem labora sem parar no controlo e na luta contra a sua fragilidade, metamorfoseando o medo de morrer em energia, fitando a realidade e retirando o que de melhor ela tem (Santos, 2001). Ao contrário dos restantes animais, o homem é o único que tem consciência da própria morte e que demonstra que a vê, e que a compreende, tentando transpo-la com o conceito de imortalidade simbólica (Morin, 1973).

Ao longo do tempo em que decorre a nossa vida (o bebé, que se torna criança, a criança que se torna adolescente, que por sua vez se torna adulto e que finalmente envelhece) o processo de medo e de dor irá ser experienciado diversas vezes (Lifton & Olson; Figueiredo, cit. por Santos, 2005).

São as experiências que activam emoções como o medo (Santos, 2005). Becker (cit. por Santos, 2001) refere que existem dois medos que comandam a vida do ser humano, uma vez que este está suspenso entre ambos: o medo da vida e o medo da morte. A possibilidade de deixar de viver está presente desde a infância, devido à fragilidade dos humanos. Santos (2001) relembra que a psicanálise afirma que desde as crianças começam a instituir defesas desde cedo contra o medo da morte, pois esse medo está presente desde tenra idade, colocando como hipótese a ansiedade de separação ser considerada como um reflexo do medo de morrer.

A primeira experiência de vida, que o ser humano tem, de vivência de medo é o nascimento. Nesta fase o bebé é separado bruscamente da mãe, ficando assim, desprotegido

relativamente à dor, ao sofrimento e à desintegração (Santos, 2005). Quando o bebé cresce, tornando-se criança, toma consciência de si e dos outros, levando a que a ideia de morte a preocupe, mas também paralelamente a promessa da imortalidade (Morin, 1970). Neste sentido a criança cresce e paralelamente cresce a sua identidade e a consolidação da mesma. À medida que a criança vai crescendo a sua identidade consolida-se, tornando a sociedade e a humanidade como o depósito das suas angústias e idealizações (Santos, 2005).

Quando a fase da meninice é ultrapassada, chega a fase da adolescência. Neste caso, as primeiras preocupações são a ideia de morte e de imortalidade (Ariés, cit. por Santos, 2005). A adolescência é a fase em que mais projectos se delineiam e em que a necessidade de deixar uma marca para os que hão-de vir se vinca. O adolescente está repleto de laços familiares e culturais, bem como de potencialidades, de aventura e de desejo de eternidade (Santos, 1999). É uma fase em que se pensa constantemente na imortalidade e embora todo o ser humano a possa alcançar de uma forma mais ou menos longa, o desejo afina-se nesta etapa (Kundera, cit. por Santos, 2005).

Desde a infância que se experimenta a vida, bem como se experimenta o medo da morte, ambos entorpecedores dos sentidos. Hennezel (1997/2006) refere que todos temos de morrer, e mesmo quando se tenta reprimir essa ideia o medo e a ansiedade provocados pela mesma, não se desvanecem, nem se tornam mais saudáveis. Todavia, também se procura fazer parte de algo maior e mais poderoso, para ir ao encontro da protecção. Protecção esta, que todos os seres humanos procuram desde crianças, pois o medo da morte conduz o Homem à procura de segurança, de conforto e de tranquilidade em algo exterior a si próprio, em algum cuidador (Santos, 2001).

Kastenbaum & Costa (1977) afirmam que quando nascemos desconhecemos o conceito da nossa morte, existindo apenas a morte no outro, embora seja comum em todas as idades. Com o acesso à simbolização, a partir dos 9 anos de idade, dá-se a conceptualização da morte, ficando assim marcada a representação da perda, da separação e da morte (Oliveira & Neto, 2004).

O primeiro depósito de angústias, sonhos e desejos (Santos, 2005) é a família (Figueiredo, 1993 & Figueiredo, cit. por Santos, 1999). Pode-se mesmo afirmar que o ser humano tem na sua componente genética a capacidade de conseguir sentir-se feliz e realizado se outros membros da sua espécie o sentirem. Esta capacidade é demonstrada na relação mãe-bebé, o que demonstra que a capacidade em questão irá organizar a noção de identificação por delegação principalmente nos sistemas de socialização. “A partir da identificação por

delegação e com a tomada de consciência da inevitabilidade da morte, o homem assumiria o desejo de imortalidade simbólica” (Figueiredo, 1993, p. 106).

Um dos estímulos mais aprimorados para a identificação por delegação é a consciência da morte individual (Santos, 2005). Vande Creek (cit. por Santos, 2001) referia que a memória de alguém vence a morte, pois ser esquecido é que é estar morto. “A imortalidade simbólica desenvolver-se-á sobre a identificação por delegação, reforçando a necessidade psicológica de nos revermos nos vindouros, nos continuadores, depositários do nosso desejo de eternidade” (Figueiredo, 1993, p. 62).

Deste modo, Santos (2001) refere que quando o Homem acredita que os seus projectos e diferentes culturas vão perdurar ao longo dos tempos, sentem a continuidade, seja ela expressada biologicamente ou não. Pois o desejo de imortalidade simbólica irá reflectir a relação do ser humano com o passado e com o futuro. Sendo assim, esta relação possibilita viver sem negar a veracidade da morte e sem o sentimento de que os objectivos o ultrapassam.

Para uma melhor compreensão dos processos de socialização, bem como do investimento que se tem nas gerações futuras é necessário recorrer à compreensão das noções de imortalidade simbólica e de identificação por delegação. Só assim, é possível perceber a luta pela preservação da espécie, pela dignidade humana, resumindo pela própria vida (Santos, 2006), pois para que a vida tenha significado no sentido da continuidade a imortalidade simbólica é necessária (Thompson, cit. por Santos, 2001).

1.2.2- Modos de imortalidade simbólica

É universal o desejo de imortalidade simbólica, como foi referido anteriormente, embora existam todas as variações de cultura e de indivíduo para indivíduo (Lifton & Olson, 1974), mas é relevante salientar também as necessidades que o Homem tem e que podem variar de acordo a cultura onde estão inseridos, bem como de acordo com a sociedade ou com o próprio indivíduo (Lifton, 1979).

Com as suas várias investigações em sobreviventes de catástrofes naturais ou humanas, como os sobreviventes do desastre nuclear de Hiroxima, Lifton (1979) pretendeu observar a capacidade das pessoas em se projectarem no futuro, verificando que a imortalidade simbólica se pode apresentar de cinco modos distintos: biológico, criativo, natural, religioso, e experiencial ou transcendental. Estes modos são as vias pelas quais é

possível lidar com a ansiedade perante a morte (Santos, 2005) e que a vida atinge o movimento, a imagem e a integridade que lhe são necessárias (Santos, 2001).

No modo biológico a imortalidade simbólica está relacionada com a procriação e com a preservação da espécie, ou seja, o Homem torna-se imortal através da família social que se irá perpetuar ao longo dos tempos (Santos & Pinto, 2009). Os processos de estigmatização de grupos e de coadjuvação farão parte da representação social, estendendo-se às diversas relações que a pessoa mantém com os diversos grupos (Dias & Loureiro, 2005).

Relativamente ao modo criativo a imortalidade será obtida através da profissão, da arte, da criatividade e do ensino (Santos & Pinto, 2009), bem como da produção material, intelectual e invenção (Figueiredo, 1993). Será através da obra profissional ou artística que o cunho do ser humano será deixado (Santos & Pinto, 2009). O facto de se deixarem produções criativas fará com que se deixe algo para além da morte, sendo desta forma recordado pelos outros indivíduos com quem se relacionou, pois todos os seres humanos são impulsionados a conceber algo dentro da sua especialidade (autor, trabalhador, pintor, poeta, entre outros) (Dias & Loureiro, 2005). No caso de um autor, conceitos como imortalidade simbólica, ansiedade perante a morte e construção literária estarão presentes em todas as suas obras (Santos & Bastos, 2009).

Tendo em conta o modo natural, Lifton apresenta este modo como a habilidade que as pessoas têm em lidar e em se relacionar com a natureza e com todas as sensações que ela transmite, desde a paz, à tranquilidade, assim como a realização espiritual (Dias & Loureiro, 2005). A conquista da imortalidade simbólica pode conseguida também através da sucessão e da união com a natureza (Dias & Loureiro, 2005 & Santos & Pinto, 2009).

Relativamente ao modo religioso as ocorrências externas e institucionalizadas (cerimónias, sacrifícios, linguagem) dentro de cada comunhão é que esclarece a relação do homem com a entidade divina. Este modo abarca a ideia de que a morte pode trazer harmonia e paz com a entidade superior, ou com o universo (Dias & Loureiro, 2005). É um modo em que as pessoas procuram obter a imortalidade simbólica através da religião ou das crenças espirituais, pois a imortalidade aparece como a promessa de uma vida para além da terra, uma promessa para a alma (Santos & Pinto, 2009). Das primeiras pesquisas que foram efectuadas nesta área em Psicologia destaca-se um dos pais da psicologia moderna, Colin Scott (1896-1915) (Thorson & Powell, 1993). Alguns destes estudos estão relacionados com a religião, com o medo e a ansiedade perante a morte. Hall (cit. por Thorson & Powell, 1993), afirma que a promessa da remoção do maior medo que a humanidade enfrenta é dada pela fé

cristã, assim como Scott (cit. por Santos, 2001) que confirma a posição do autor anterior, uma vez que refere que a promessa de uma vida para além da morte e a fé religiosa proporcionam uma resposta positiva relativamente ao medo da morte.

No que concerne ao modo transcendental, este é um estado psicológico, que é uma conjugação dos quatro anteriores, uma vez que pode ser experimentado em qualquer um deles (dar à luz, consumo de substâncias, tendo um orgasmo, estar apaixonado, fome, sono, dançar, etc.). Alguns autores defendem, que são momentos que permitem refrear o tempo (Lifton & Olson & Mathews & Mister, cit. por Santos & Pinto, 2009). A pessoa, tendo em conta o seu estado psicológico é incentivada a transpor as metas da sua vida quotidiana. É um modo que procura atingir a imortalidade simbólica, de um modo diferente dos quatro modos referidos anteriormente, pois incentiva a procura de actividades agradáveis e intensas, podendo mesmo acontecer em qualquer forma dos outros modos. Numa grande maioria das vezes manifesta-se pelo sentimento de existência no espaço e no tempo, podendo ser orientado para o êxtase, “mas enquanto os outros modos se reportam às conexões do self com o passado ou o futuro, este modo enfatiza a dissolução do self e está centrado no aqui e agora” (Dias & Loureiro, 2005, p. 125).

Diversos autores afirmam que, estes cinco modos de imortalidade simbólica formam as estratégias que o ser humano tem para reduzir a ansiedade perante a morte, podendo mesmo adquirir o sentimento de a suplantar, o que se torna uma habilitação essencial e vital para a sanidade psicológica da pessoa (Figueiredo, 1993; Lifton & Olson, 1974 & Santos, 2001). O ser humano não está preparado para verificar que todas as suas aspirações não concretizáveis fossem sentidas com sentimentos de angústia, frustração, culpa, medo e perda (Figueiredo, 1993). Deste modo, é facilmente explicável a relação criada entre gerações (passado, presente e futuro), bem como os legados culturais e de saberes, que se tornam extremamente importantes no processo de socialização e de herança de bens materiais, de valores e de bens espirituais (Dias & Loureiro, 2005).

Todos os pensamentos negativos associados à ideia de morte, bem como o medo da dor, do aniquilamento, o medo da solidão, do desconhecido e do vazio são a definição de ansiedade face à morte (Neimeyer, Wittkowski & Moser & Lester & Templer, cit. por Santos, 2005). Esta ansiedade é ainda complementada pelas sensações de desconforto, não apenas perante a morte, mas também perante o morrer, que se baseia nas dimensões do sofrimento, do desconhecido, da solidão e da extinção pessoal. Os aspectos pessoais (medo de auto-aniquilação), interpessoais (grupo restrito da família e amigos) e transpessoais (culpa, castigo

após a morte, usualmente relacionado com crenças religiosas ou pessoais) são os que aspectos que estão associados à perspectiva antecipatória da morte da própria pessoa (Conte, Weiner & Plutchic, 1982).

Desta forma, a ansiedade perante a morte é englobada por Lifton (1973) no desejo de imortalidade simbólica (Dias & Loureiro, 2005).

1.3- Ansiedade perante a morte

A ansiedade perante a morte é um termo generalizado que representa o agrupamento das atitudes perante a morte caracterizada por reacções psicológicas negativas (Wu, Tang & Kwok, 2002). Este é um dos temas mais investigados, mas numa grande maioria das vezes encontram-se resultados contraditórios (Oliveira, cit. por Santos & Pinto, 2009).

Antes de mais é importante definir ansiedade perante a morte. Como tal, ansiedade face à morte é “um medo (...) mais ou menos concreto ou difuso (...) daquilo que rodeia o acto próximo e imediato de morrer e do que eventualmente acontecerá para além da morte” (Santos & Pinto, 2009, p. 383). O autor Harmon-Jones e os seus colaboradores definem esta ansiedade como sendo causada não só pelo medo inconsciente e consciente da morte, mas também do morrer (Santos & Pinto, 2009). Já Lonetto e Templer (cit. por Santos & Pinto, 2009) definem a ansiedade perante a morte como sendo um fenómeno universal, bem como o resultado do processo de socialização (Kastenbaum & Aisenberg, cit. por Santos & Pinto, 2009), mas Belsky (cit. por Loureiro, 2004) afirma que os pensamentos, emoções e medos que estejam directamente ligados à percepção de fim de vida podem ser considerados como uma definição da ansiedade perante a morte, pois, como Tomer & Eliason referem, são uma reacção negativa elaborada antes do tempo, da consciência do desaparecimento do Ego (cit. por Loureiro, 2004). Tendo em conta o que foi referido anteriormente, pode-se dizer que a finalidade da própria morte, o medo de deixar de existir, a incerteza de não saber o que acontece a seguir, o medo da dor envolvida no acto de morrer, bem como o medo da solidão e o medo de não completar os projectos de vida são alguns dos aspectos que fazem com que a ansiedade perante a morte se manifeste (Wong, Reker & Gesser, 1994). Mas é necessário ter em conta, que embora muitas vezes se confundam os termos medo e ansiedade são conceitos diferentes. A ansiedade poderá ser encarada como algo mais generalizado e inconsciente,

enquanto o medo como algo consciente e mais específico (Wong et al., 1994). Pode-se afirmar que a nossa sociedade silencia e esconde a dor e o desassossego que a morte provoca, pois encontra-se deveras mal preparada para lidar com este assunto (Axelrod, 1986-7 & Carvalho, 1991). Embora a sociedade procure silenciar a dor da morte, o ser humano tenta, por outro lado, conquistar um momento para falar dela e do medo que o assola quando pensa nela, afirma Elisabeth Kübler-Ross (1981/2008), estimulando o debate deste tema tão pertinente (Santos, 2001).

Numa grande maioria das vezes a morte é relacionada com a depressão (Kootcher et al. & Templer cit. por Silva, s/d & Conte, Weiner & Plutchic, 1982) e com a ansiedade geral (Dickstein; Durlak; Koocher et al.; Kuperman & Golden; Livingston & Zimet, cit. por Silva, s/d & Conte, et al., 1982). Lonetto & Templer (cit. por Santos, 2001) afirmam que o medo da morte tem o seu lugar no desenvolvimento do ser humano, ou seja que é uma projecção do sentimento real do eu e do ego. Refere ainda que todas as pessoas que reprimam o medo de morrer apresentam sentimentos e sintomas de depressão, bem como outros sentimentos similares às sensações de perda.

Aceitação da morte não é necessariamente o oposto da ansiedade perante a morte. Estes dois conceitos poderiam de facto correlacionar-se positivamente. As pessoas podem portanto, aceitar a morte e estarem e continuarem preocupados com ela ao mesmo tempo. Alguns estudos demonstram, que as pessoas incrédulas nas crenças religiosas e as mulheres demonstram maior ansiedade perante a morte (Ray & Najman, 1974).

Culturalmente é indesejável o medo da morte (Oliveira & Barros, 1997; Conte, et al., 1982 & Florian & Mikulincer & Oliveira, cit. por Santos & Pinto, 2009), embora uma grande parte do comportamento do ser humano seja impelida pelo medo de morrer (Becker; Left; Pyszcanski, Greenberg, & Solomon; cit. por Santos, 2009 & Santos, 2001). A cultura é um factor extremamente importante e em que se salienta a percepção que o indivíduo tem do ambiente que o rodeia. Indivíduos de diferentes culturas tendem a reagir perante a morte e o morrer de formas diferentes, tendo em conta os seus valores e formas de vivenciar a vida e a morte. (Kübler-Ross, 1981/2008 & Schumaker, Warren & Groth-Marnat, 1991). Stroebe; Gergen e Gergen & Stroebe (cit. por Wu et al., 2002) afirmam que algumas sociedades temem a morte, outras encaram-na como sendo normal e têm-na como parte da vida. Podemos tomar como exemplo os chineses, que encaram a morte como mal-afortunada e como azar (Tomer & Eliason, cit. por Wu et al., 2002).

A natureza uni ou multidimensional do conceito é uma das dificuldades apontadas pelos autores no estudo deste assunto, pois existe algum desacordo de ideias, embora a maioria dos autores concorde com uma perspectiva multidimensional (Feifel & Nagy, 1981; Oliveira & Barros, 1997; Simões & Neto, 1994 & Collet & Lester; Florian & Kravetz; Kastenbaum & Aisenberg; Templer; cit. por Santos & Pinto, 2009).

Existem algumas investigações com resultados controversos, com o objectivo de estudar a relação da ansiedade perante a morte com a idade, com o género, com a religião, com a satisfação com a vida e com a auto-estima e com o carácter unidimensional versus carácter multidimensional do constructo. Alguns demonstram que parece não existir qualquer tipo de relação entre a ansiedade perante a morte e a idade (Jeffers, Nichols & Eisdorfer; Kastenbaum & Costa; Pollak; Swenson; Templer; cit. por Silva, s/d & Conte, et al., 1982), bem como existem estudos que afirmam que existe uma correlação negativa entre a ansiedade face à morte e a idade (Cicirelli; Krejci & Haysip;; Servaty et al.; Tang, Wu, & Yan; Templer; cit. por Santos, 2009; Oliveira & Barros, 1997 & Wu, et al., 2002) e nos estudos efectuados por Neimeyer, Templer (cit. por Wu et al., 2002) e Thorson & Powell (1993) verificou-se que a idade se correlaciona negativamente com a ansiedade perante a morte.

Tendo em conta a variável do género, Conte e colaboradores (1982) mencionam outros autores, tais como Dickstein, Handal e Ray & Najman (1974), que obtiveram os mesmos resultados. Ou seja, não existiam diferenças entre os géneros, tendo em conta a ansiedade face à morte (Silva, s/d), assim como Fortner & Neimeyer (cit. por Wu et al., 2002) e Wong com os seus colaboradores (1994) afirmam que, no que diz respeito à variável sexo, não existem diferenças significativas entre a ansiedade face à morte demonstrada entre homens e mulheres nos resultados obtidos, mas existem outros autores (Neimeyer & Fortner, que defendem que o género feminino apresenta um índice mais elevado de ansiedade perante a morte que o género masculino (Wu, 2002). Templer, Nelson, (cit. por Silva, s/d) e Simões & Neto (1994) indicam resultados diferentes, pois as suas investigações defendem que os sujeitos do sexo feminino apresentaram maior ansiedade face à morte. Existem ainda estudos de outros autores, que mostram diferenças de género com propensão para o sexo feminino apresentar níveis mais elevados (Abdel-Khalek, 1998, 2003; Oliveira & Barros, 1997; Wu et al., 2002 & Aday; Cicirelli; Depaola, Griffin, Young, & Neimeyer; Devins; Koob & Davis; Lonnetto & Templer; McDonald; Rasmussen & Johnson; Santos; Suhail & Akram; Templer; Young & Daniels; cit. por Santos & Pinto, 2009).

No que concerne aos estudos que relacionam ansiedade perante a morte e religiosidade os resultados obtidos são contraditórios, segundo Holter e Epley (cit. por Simões & Neto, 1994), mas Simões & Neto (1994) apresentam nos seus estudos resultados, que demonstram existir uma correlação significativa e positiva entre a ansiedade face à morte e religiosidade.

Para Feifel & Nagy (1981) a satisfação com a vida não tem relação com a ansiedade perante a morte, mas para Schaie & Wills (cit. por Simões & Neto, 1994) existe relação, tendo Simões & Neto (1994) num estudo apresentado encontrado uma correlação significativa e negativa entre ansiedade face à morte e satisfação com a vida.

Tendo em conta a relação entre auto-estima e ansiedade perante a morte, Feifel & Nagy (1981), não encontraram relação nas suas investigações, enquanto Simões & Neto (1994) verificaram uma correlação significativa e negativa.

Estudos efectuados por Lonetto & Templer (cit. por Wu et al., 2002) falharam ao tentar provar a hipótese, da associação entre a ansiedade face à morte e sintomas somáticos em pessoas de idade. Contudo, nos estudos mais recentes foram encontrados valores elevados de ansiedade perante a morte, de uma forma geral e a um aumento global dos problemas psicológicos e/ou físicos (Fortner & Neimeyer; Neimeyer & Van Brunt; cit. por Wu et al., 2002).

Foram também verificadas correlações positivas entre ansiedade face à morte e níveis de ansiedade e depressão entre amostras populacionais não-ocidentais, como a população árabe e libanesa (Abdel-Khalek, 1998).

Num estudo comparativo entre uma amostra de Japoneses e de Australianos, com o objectivo de comparar os valores obtidos na escala de ansiedade perante a morte, obtiveram-se valores mais elevados na amostra de Japoneses, não existindo relevância nas diferenças entre os sexos. Mas tendo em conta o género na amostra de Australianos, as mulheres mostraram-se significativamente mais ansiosas face à morte do que os homens. Foi ainda verificado que existe uma correlação baixa, mas positiva e significativa, entre a idade e a ansiedade face à morte (Schumaker, et al., 1991).

Existe um número reduzido de investigações que contemplam a ansiedade perante a morte e a imortalidade simbólica (Santos & Pinto, 2009). Porém a maioria destes estudos defende a existência de uma correlação negativa entre as duas variáveis, isto é, quando a ansiedade perante a morte diminui, o desejo de imortalidade simbólica aumenta, sendo que o

contrário também se verifica (Drolet; Florian & Mikulincer; Lifton; Santos; cit. por Santos & Pinto, 2009 & Lifton & Olson, 1974).

1.3.1 – Ansiedade Perante a Morte e Imortalidade Simbólica

Existem diversas formas de remediar o destino que o ser humano tem traçado, o da morte iminente, tais como a crenças na imortalidade simbólica e da imortalidade da alma (Kastenbaum & Aisenberg; cit. por Santos, 2001 & Figueiredo, 1993).

Figueiredo (1993) refere que a imortalidade simbólica é uma resposta muito importante na socialização do Homem, embora a sua resposta não seja muito tranquilizadora, no que refere ao conceito de morte. Um dos exemplos que se pode referir é a concepção. O desejo de ter filhos passou a estar relacionado com o conceito de imortalidade simbólica, como refere o autor, pois nos dias de hoje o desejo sexual, nada tem a ver com a capacidade reprodutora, uma vez que essa passou a ser controlada. Assim como, se pode afirmar, que a imortalidade simbólica também une este desejo de perpetuação ao longo dos tempos, não só através da espécie, mas também através da sua socialização com os seus pares (Santos, 2001). Esta crença, a crença de que a alma é imortal, a crença de imortalidade simbólica, diminui a ansiedade e a desesperança provocada pela consciência que o ser humano tem do seu desaparecimento total (Figueiredo, 1993). Como tal, quando as imagens de tal imortalidade são intimidadas o medo e a ansiedade tornam-se abruptamente superiores face à morte iminente (Lifton & Olson, 1974), pois estas imagens tornam a morte menos ameaçadora e devastadora, uma vez, que mostram que independentemente do corpo partir, a ideia da pessoa mantém-se ao longo dos tempos, ou seja existe a ideia de continuidade mesmo depois da morte (Santos, 2001). Estas imagens são partilhadas através das diversas instituições que o homem tem presentes na sua vida, tais como a família, o trabalho, a escola, o governo, entre outras. O que faz com que em tempos de crise, sejam eles financeiros, como de valores da sociedade, exista uma falta de confiança nessas instituições tornando a partilha de imagens mais difícil, ficando com as suas crenças abaladas, tornando-se a ansiedade face à morte desesperante, pois a solidão invade os pensamentos e o coração do ser humano (Lifton & Olson, 1974).

1.4- Atitudes Perante a Morte

1.4.1- Mensuração das Atitudes Perante a Morte

Ajzen² (cit. por Lima, 1993/2006, p. 88) afirma que “atitude é uma predisposição para responder de forma favorável ou desfavorável a um objecto, pessoa, instituição ou acontecimento”. Já Neto (cit. por Lima, 1993/2006) afirma que o resultado da combinação dos componentes comportamentais, afectivos e cognitivos é uma atitude. Rosenberg e Hovland propuseram um modelo em que estes três componentes se encontravam presentes. A componente comportamental prepara o ser humano para reagir, assim como para agir perante um determinado estímulo, sendo um processo físico e mental. A componente afectiva está relacionada com as respostas psicológicas e com os sentimentos, que por vezes seguem as atitudes. Finalmente, a componente cognitiva é aquela que nem sempre é consistente, nem consciente. Está alistada com opiniões e crenças do ser humano, muitas vezes sendo através delas que as atitudes são manifestas (Lopes, 2010). Com isto, poder-se-á dizer que as atitudes auxiliam a adaptação social (Smith et al., cit. por Pereira, 2009), assim como a determinação de identidades e a aceção de grupos sociais (Schlenker; Pratkanis & Greenwald; cit. por Pereira, 2009). As atitudes e os hábitos, assim como, os instintos e as imitações que se elaboram são modelos de acção. Um dos constructos centrais da psicologia social foram as atitudes. Elas agregaram as três componentes referidas anteriormente, a propensão para agir de uma determinada forma, ou seja a componente comportamental, a repulsa ou a atracção, isto é a componente afectiva e a crença ou percepção sobre uma determinada realidade, ou melhor a componente cognitiva (Pereira, 2009).

Neste estudo foi utilizada uma escala de atitudes, a «Escala de atitudes perante a morte» numa tentativa de obtenção das respostas solicitadas. Estas escalas são construídas com o intuito de que é possível medir as atitudes das pessoas tendo em conta as suas avaliações, as suas crenças e as suas opiniões (Lopes, 2010). É importante lembrar, que as atitudes perante a morte fazem a ponte entre o que tem significado na vida do ser humano e a percepção da morte como finitude do que se conhece e do que se tem como adquirido até então (Tomer, cit. por Lopes, 2010).

² Ajzen, I. (1988). *Attitudes, personality and behavior*. Milton Keynes: Open University Press.

Todavia, as atitudes não são inatas, nem se autogeneram psicologicamente. São resultado das relações com os outros, pertencendo à motivação do Homem e vão emergindo da organização da pessoa, bem como da organização de valores, crenças e sentimentos, ou seja, são uma componente importante e determinante na orientação e adaptação ao ambiente social do ser humano (Lopes, 2010).

Para um rápido diagnóstico e intervenção ao nível social é necessária a construção de métodos fiáveis de modo a ser possível avaliar atitudes (Pereira, 2009) sendo que, na generalidade se for possível conhecer as atitudes de um ser humano será possível prever o seu desempenho, bem como a sua conduta e comportamento (Lopes, 2010).

1.4.2- O Envelhecimento e as Doenças nas Atitudes Perante a Morte

As experiências de vida que foram proporcionadas pela interacção com inúmeras pessoas, relações familiares e profissionais são o que fazem o ser humano ter alento ao longo dos seus dias (Noppe & Noppe, 2004). São estas experiências que acompanham o homem ao longo da sua vida fazendo parte dela, ou quem sabe a vida é que vai fazendo parte das diversas experiências vividas. Há medida que o tempo passa, a distância da ideia pré concebida, da hora da morte aproxima-se e devido a isto, o homem na meia-idade, começa a pensar na idade em termos de proximidade com a morte e não com o nascimento (Lieberman & Caplan, cit. por Lopes, 2010). O mesmo acontece com os idosos, na sua grande maioria, o pensamento no seu enterro e na sua morte é uma constante, comprovando deste modo que à medida que a idade avança a aceitação da morte dá-se de uma forma mais amena e com um sentimento de alívio presente, uma vez, que se compreende ser inevitável (Rebelo, 2004/2007).

Mas, existem diversos estudos que apresentam várias formas de encarar a morte, assim como diversas atitudes perante ela. O aumento da ansiedade poderá ser comum em pessoas mais velhas, principalmente quando existem problemas psicológicos anteriores, assim como problemas de saúde associados à sua velhice, a satisfação com a vida também está intimamente ligada com este aumento de ansiedade, tal como a institucionalização, em vez de se encontrarem nas suas casas, bem como uma menor adesão às crenças religiosas (Fortner, Neimeyer & Rybarczyk, cit. por Lopes, 2010). A variável religiosidade é de extrema importância quando se efectua estudos acerca da ansiedade face à morte e das atitudes

perante esta. Diversos estudos mostram que os níveis mais elevados de crenças religiosas amenizam a ansiedade perante a morte, bem como as atitudes negativas perante ela (Feifel & Branscomb, 1973; Feifel & Nagy, 1981; Thorson & Powel, 1993 & Rigdon & Epting, cit. por Lopes, 2010). Existem alguns estudos efectuados, não apenas na religião cristã, mas em outras religiões ou crenças, que mostraram a mesma tendência (Suhail e Akram, 2002). Embora, Florian e Kravetz realizaram diversos estudos tendo por base a religião judaica, assim como Abdel Khalek (1998) que concretizou trabalhos relativamente à religião muçulmana. Ambas as investigações expuseram que pode não ocorrer uma diminuição do medo da morte, assim como a diminuição da ansiedade perante ela, podendo sim, apresentar diferentes tipos de medo, tendo em conta os diferentes tipos e graus de religiosidade.

Porém quando se trata de doença e de atitudes perante a doença a reacção do ser humano já não é igual. Barbosa (2003) afirma que quando se menciona o conceito de doença aplicado à ideia de morte, esta insinua-se como não sendo natural, como sendo uma responsabilidade humana. Embora seja natural no caso dos profissionais de saúde possuírem sentimentos relativamente aos seus doentes (Antunes, 2005), nas atitudes face à doença, Feifel e Branscomb (1973) através de diversos estudos tentaram compreender as atitudes individuais dos profissionais de saúde perante a morte. As situações que foram avaliadas pertencem a diversos contextos tais como doenças crónicas, doenças degenerativas, doenças terminais, doenças mentais, assim como doentes institucionalizados e não institucionalizados. Após esta avaliação foram comparados os resultados obtidos, com pacientes saudáveis, comparando depois os resultados obtidos com os de pacientes saudáveis. Os autores, tendo em conta meda da morte de forma consciente, não obtiveram diferenças significativas, nas diferentes situações. Este facto poderá ter ocorrido, uma vez que a medida seleccionada para a realização do estudo apenas consistia na pergunta, se o paciente tinha medo da sua própria morte e após a sua resposta solicitava-se uma justificação.

1.5- Pertinência do Estudo

Tendo por base a revisão da literatura realizada, torna-se relevante estudar qual a influência que a ansiedade face à morte e as atitudes perante a morte têm no desejo de imortalidade simbólica em estudantes universitários. Com este entendimento poder-se-á

desenvolver e implementar intervenções adequadas junto desta população tão heterogénea, pois não é apenas importante e necessário saber viver, mas também saber morrer, uma vez que a morte se encontra presente na vida de todos os seres humanos, bem como na vida de todos os seres vivos.

Neste sentido pretende-se também esclarecer algumas questões que se tornam pertinentes relativamente à análise das atitudes perante a morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação religiosa, Aceitação neutra e Aceitação de escape), tendo em conta se existem diferenças relativas à idade, ao sexo, à área de estudo, bem como à religiosidade ou à não religiosidade; assim como verificar se existem diferenças entre os sexos, a idade, à área de estudo e à religiosidade na ansiedade face à morte e no desejo de imortalidade simbólica.

Tornou-se ainda importante verificar a relação entre os resultados obtidos pelos estudantes universitários nas variáveis ansiedade perante a morte, desejo de imortalidade simbólica e atitudes perante a morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação de escape, Aceitação religiosa e Aceitação neutra), de modo a ser possível perceber a influência existente.

1.6- Objectivos e Hipóteses

O presente estudo foi elaborado com o objectivo primordial de verificar a influência da Ansiedade Face à Morte e dos Perfis de Atitudes Perante a Morte, no Desejo de Imortalidade Simbólica numa amostra de estudantes universitários que frequentam o 1º e o 2º ciclo.

Porém, diversos objectivos específicos se revelaram neste trabalho, que são os seguintes:

- Averiguar se existem diferenças nas Atitudes Perante a Morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) no grupo de estudantes universitários, tendo em conta o seu género.

- Verificar se existem diferenças relativamente à idade nas Atitudes Perante a Morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape).

- Determinar se existem diferenças nas Atitudes Perante a Morte (Medo da Morte, Evitamento da Morte, Aceitação de Escape, Aceitação Religiosa e Aceitação Neutra) relativamente à área de estudo.

- Indagar se nos estudantes universitários religiosos e nos não religiosos existem diferenças nas Atitudes Perante a Morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape).

- Perceber se existem diferenças nas Atitudes Perante a Morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) em relação ao estado civil.

- Averiguar se existem diferenças na Ansiedade Face à Morte e no Desejo de Imortalidade Simbólica no grupo de estudantes universitários, tendo em conta o seu género.

- Compreender se existem diferenças relativamente à idade na Ansiedade Face à Morte e no Desejo de Imortalidade Simbólica.

- Determinar se existem diferenças na Ansiedade Face à Morte e no Desejo de Imortalidade Simbólica relativamente à área de estudo.

- Entender se nos estudantes universitários religiosos e nos não religiosos existem diferenças nas na Ansiedade Face à Morte e no Desejo de Imortalidade Simbólica.

- Indagar se existem diferenças nas na Ansiedade Face à Morte e no Desejo de Imortalidade Simbólica em relação ao estado civil.

- Examinar a relação entre os resultados obtidos pelos estudantes universitários em termos de Atitudes Perante a Morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) e os relativos à Ansiedade Face à Morte e ao Desejo de Imortalidade Simbólica.

- Compreender a relação existente entre os resultados das variáveis Atitudes Perante a Morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape), Ansiedade Face à Morte, Desejo de Imortalidade Simbólica e a variável sociodemográfica idade.

Com base nas investigações referidas anteriormente e partindo dos objectivos definidos, foi desenvolvido um conjunto de hipóteses:

Hipótese 1 – A imortalidade simbólica e a ansiedade face à morte correlacionam-se negativamente.

Hipótese 2 – As mulheres apresentam maior ansiedade perante morte do que os homens.

Hipótese 3 – Os homens apresentam maior desejo de imortalidade simbólica do que as mulheres.

Hipótese 4 – A ansiedade face à morte é maior em idades mais jovens.

Hipótese 5 – A ansiedade face à morte e a idade correlacionam-se negativamente.

Hipótese 6 – O desejo de imortalidade simbólica e a idade correlacionam-se positivamente.

Hipótese 7 – O sexo masculino tem níveis mais elevados de medo da morte, enquanto as mulheres apresentam um nível mais elevado de aceitação religiosa.

Hipótese 8 – Os níveis mais elevados das atitudes negativas perante a morte (medo da morte, evitamento da morte e aceitação de escape) esperam-se dos mais novos.

Hipótese 9 – A ansiedade face à morte vai ser menor, quanto mais elevadas forem as atitudes positivas perante a morte (aceitação neutra e aceitação religiosa).

Hipótese 10 – A ansiedade face à morte vai ser maior, quanto mais elevadas forem as atitudes negativas perante a morte (medo da morte, evitamento da morte e aceitação de escape).

Capítulo II - Método

2.1- Participantes

Foi seleccionada uma amostra de conveniência composta por diversos estudantes universitários. A amostra foi recolhida na zona metropolitana de Lisboa e os critérios de elegibilidade para a participação no presente estudo consistiram em ser estudantes universitários de 1º e 2º ciclo.

Os participantes que preencheram as condições de inclusão na amostra, após ser assegurada a confidencialidade e anonimato dos dados, dispuseram-se a participar na investigação de forma voluntária. A amostra do presente estudo é composta por 310 estudantes (N=310), sendo que 41 (13,2%) são da área de Arquitectura, Urbanismo e Geografia, 3 (1,0%) de Letras, 23 (7,4%) de Engenharia e Ciências Naturais, 12 (3,9%) de Ciências da Saúde, 69 (22,3%) das Ciências Sociais e Humanas, 13 (4,2%) de Economia e Gestão, 15 (4,8%) de Exercício Físico e Desporto, 121 (39,0%) de Psicologia e 12 (3,9%) de Comunicação, existindo 154 alunos (49,7%) trabalhadores-estudantes e 153 alunos (49,4%) apenas estudantes. A homogeneidade da amostra (Qui-quadrado - χ^2), tendo em conta a área de estudo foi de 340,602 e relativamente ao facto de serem trabalhadores-estudantes foi de 0,003.

No que diz respeito à caracterização da amostra de acordo com as variáveis sociodemográficas utilizadas 88 (28,4%) são do sexo masculino e 221 (71,3%) são do sexo feminino, sendo que a homogeneidade da amostra é de 57,246. No que concerne à média das idades ela é de 25,73 (DP=7,527), variando entre os 18 e os 56 anos. Tendo em conta que se efectuou a divisão da idade em quatro grupos, o primeiro grupo (idades inferiores e iguais a 20 anos) com N=76 (24,5%), o segundo grupo (idades compreendidas entre 21 e 23 anos) N=81 (26,1%), o terceiro grupo (idades entre os 24 e os 28 anos) N=74 (23,9%) e o último grupo (idades iguais ou superiores a 29 anos) N=77 (24,8%), obteve-se uma homogeneidade de 0,338. No que concerne ao estado civil 260 alunos (83,9%) são solteiros, 34 (11%) são casados e 15 (4,8%) são divorciados, afirma-se com base nos resultados que a homogeneidade da amostra é de 360,718. Em relação aos países de origem 281 (90,6%) são oriundos de Portugal e 26 (8,4%) são oriundos de outros países, nomeadamente PALOPs, sendo que 30 indivíduos (9,7%) residem num meio rural e 278 (89,4%) num meio urbano. A homogeneidade da amostra referente aos dados sociodemográficos mencionados anteriormente é de 211,808 relativamente aos países de origem e 199,688 para o meio onde reside.

Relativamente à religiosidade 51,3% afirmam ter crenças religiosas/espirituais e 46,8% afirmam não ter qualquer crença, sendo a homogeneidade de 0,645. Tendo por base estes dados, pode-se afirmar que 159 (51,3%) dos estudantes consideram-se ateus, 139 (44,8%) são cristãos e 12 alunos (3,9%) têm outras crenças espirituais ou religiosas, existindo uma homogeneidade de 123,026.

Referenciando-nos nos dados obtidos percebemos que existe uma maior homogeneidade no que diz respeito à idade (0,338), ao facto dos alunos serem trabalhadores/estudante (0,003) e no que concerne à religiosidade dos estudantes universitários (0,645). Existindo uma homogeneidade menor no género (57,246) e nas restantes variáveis, crenças religiosas (123,026), meio onde reside (199, 688), país de origem (211,808), área de estudo (340,602) e estado civil (360,718), uma homogeneidade muito baixa.

Quadro 1

Dados Sociodemográficos: Estatística Descritiva

		N	%	χ^2
Género	Masculino	88	28,4	57,246
	Feminino	221	71,3	
Idade	≤ 20 anos	76	24,5	0,338
	21 a 23 anos	81	26,1	
	24 a 28 anos	74	23,9	
	≥ 29 anos	77	24,8	
Estado Civil	Solteiro	260	83,9	360,718
	Casado	34	11,0	
	Divorciado	15	4,8	
	Arq, Urb. e Geo.	41	13,2	
Área de Estudo	Letras	3	1,0	340,602
	Engenharia e C.	23	7,4	
	Naturais			
	Ciências da Saúde	12	3,9	
	Ciências Soc. e Humanas	69	22,3	
	Economia e Gestão	13	4,2	
	Ex. Físico e Desporto	15	4,8	
	Psicologia	121	39,0	
	Comunicação	12	3,9	
	Sim	154	49,7	
Trabalhador/Estudante	Não	153	49,4	0,003
País de Origem	Portugal	281	90,6	211,808
	PALOP's e outros	26	8,4	
Meio onde Reside	Rural	30	9,7	199,688
	Urbano	278	89,4	
Religiosidade	Sim	159	51,3	0,645
	Não	145	46,8	
	Ateus	159	51,3	
Crenças Religiosas	Cristãos	139	44,8	123,026
	Outras crenças	12	3,9	

Nota. N=310

2.2- Medidas

Para se proceder à recolha de dados, foi elaborado um protocolo que inclui os seguintes instrumentos de avaliação.

2.2.1- Dados Demográficos

O questionário Sócio – demográfico, elaborado para o presente estudo é constituído por 9 itens. Este compreende como variáveis sócio – demográficas o género, a idade, o estado civil, a nacionalidade, a área de estudo, o ano que frequenta, se é trabalhador / estudante ou não, o meio onde reside, se tem alguma crença espiritual e/ou religiosa e a designação dessa crença.

2.2.2- Death Anxiety Scale (DAS)

Para avaliar a ansiedade, será utilizada a Escala de Ansiedade face à Morte, do autor Templer, D. I., de 1970, traduzida e adaptada por Santos, P. para a população portuguesa, em 1999. Esta escala foi traduzida em diversas línguas, tais como, africano, árabe, chinês, holandês, alemão, indiano, italiano, japonês, coreano, espanhol, entre outras (Abdel-Khalek, 2003). Templer descreve os diversos métodos utilizados para a construção da DAS. Foram utilizados três métodos de avaliação para uma pesquisa mais fidedigna para pesquisar a ansiedade face à morte: questionários, entrevistas e técnicas projectivas. Dos referidos, o instrumento mais completo referido foi o FODS de Boyar (1964), embora os itens da DAS reflectam um campo mais vasto, uma vez que a FODS restringe-se mais ao acto de morrer e do funeral (Templer, cit. por Santos, 1999).

Foram inicialmente idealizados 40 itens, 23 foram colocados como verdadeiros e 23 foram colocados como falsos. A avaliação da validade dos itens foi efectuada por sete júris: um psicólogo clínico, dois estudantes graduados em psicologia clínica e quatro capelões de um hospital estatal. O seu principal objectivo era indicar grande ansiedade perante a morte e consoante as instruções dos júris, classificá-los numa escala de cinco pontos: 1= Irrelevante para indicar Ansiedade Perante a Morte (APM); 2= Levemente associado com a APM; 3=

Moderadamente associado com a APM; 4= Consideravelmente associado com a APM e 5= Muito associado com a APM. Calcularam a média e 9 obtiveram uma classificação de 3 ou menos e foram colocados de lado. Para determinar a consciência interna utilizaram-se 3 grupos diferentes de sujeitos, após os itens serem implantados nos últimos 200 do Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI). A formação dos grupos foi de 45 estudantes de Psicologia na Universidade de Kentucky, 50 estudantes de escolas secundárias de Kentucky e 46 estudantes numa classe de introdução à psicologia da Western Kentucky University.

Decidiu-se que só ficariam os itens que pontuassem coeficientes bisseriais significativos a 0.10 em duas ou mais análises. Só restaram 15 itens e a probabilidade da sua relação ser 0 a um nível de significância 0.10 é de 0.028 (Santos, 1999).

Verificou-se também que nenhuma das correlações ultrapassou 0.65, pelo que pode ser inferido que não existe excessiva redundância interitem. A DAS foi completada 3 semanas depois por 37 sujeitos e o resultado foi de 0.83, demonstrando boa fidelidade no teste-reteste. Seis dos itens foram posicionados como falsos e nove como verdadeiros.

Concluiu-se ainda que o resultado da DAS está correlacionado com a verbalização de receios quanto à morte, após a administração desta escala a dois grupos diferentes de doentes psiquiátricos (Santos, 1999).

Assim, no que diz respeito à cotação, esta será efectuada, tendo em conta o total de 15 itens, 9 dos quais formulados na forma positiva (Itens 1, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14; e.g., (e.g.: item 1: *Tenho muito medo de morrer*, item 13: *Fico perturbado quando as pessoas falam da terceira guerra mundial*) e os restantes 6 itens (2,3, 5, 6, 7, 15) formulados na negativa. (e.g., item 2: *Raramente me vem à cabeça a ideia de morte*; ou item 15: *Penso que o futuro não me trará nada que eu receie*). Os itens formulados na positiva a cotação será de 1, 2, 3, 4 e 5 e os itens na negativa são cotados com 5, 4, 3, 2 e 1, sendo que no final se somam todos os valores.

2.2.3- “The Sense of Symbolic Immortality Scale” (SSIS)

A Escala do Sentido da Imortalidade Simbólica é uma escala de crenças ou atitudes, com o formato de Likert criada por Drolet, em 1990, traduzida e adaptada por Santos, P., para a população portuguesa, em 1999. A construção dos itens foi feita de acordo com a teoria de Lifton, assim foram formulados de forma a representarem algumas das áreas da vida que têm

um papel importante na imortalidade simbólica. A formulação dos itens foi efectuada principalmente pela definição dos cinco modos de imortalidade simbólica (biológico, criativo, natural, religioso e transcendental) definidos por Lifton e foram ainda formulados de forma a terem representação nas áreas que têm um papel mais importante na imortalidade simbólica.

Inicialmente foram constituídos 67 itens, 33 foram posicionados como verdadeiros, ou seja, tinham a intenção de serem favoráveis ou de contribuir para um sentido melhor de imortalidade simbólica e 34 foram posicionados como falsos, isto é, tinham a intenção de serem desfavoráveis. A selecção dos itens mais pertinentes foi conseguida através da validade e da análise da consistência interna.

Diversas premissas guiaram a construção desta versão da escala do sentido de imortalidade simbólica (Drolet, cit. por Santos, 1999). A primeira premissa afirma que o sentido de imortalidade simbólica baseia-se na consciência pessoal da nossa finitude do que na experiência remota da nossa morte biológica. Devido a isto, a maior parte dos itens reflecte a nossa experiência com diferentes facetas da vida que jogam um papel importante no balanço vida-morte. A segunda premissa refere que cada item da escala representa uma imagem ou um objecto em direcção ao qual a pessoa reage. Cada pessoa tem a sua maneira pessoal de perceber o objecto ou imagem e é isso exactamente que o questionário quer medir. As pessoas não percebem o item da mesma forma porque não têm as mesmas experiências, isto é, o que o item quer medir é como as pessoas se sentem acerca de serem íntimos com outra pessoa. A terceira premissa declara que não se quer avaliar objectivamente as experiências pessoais, pois podemos achar que a pessoa tem imensos amigos ou relações amorosas boas, mas a pessoa pode não sentir isso. No que concerne ao quarto princípio ele assegura que um corolário desta proposição é que enquanto as pessoas não conseguem descrever os seus traços mais íntimos farão uma avaliação aceitável das suas experiências. Aqui elas são convidadas a avaliar as suas experiências em relação à imortalidade simbólica. Se esta assunção fosse errada o teste mostraria pouca consistência interna e pouca validade (Drolet, cit. por Santos, 1999). Finalmente, a quinta premissa menciona que as defesas são mínimas e a livre expressão da nossa maneira de estar no mundo aumentadas pelo facto de que a maneira de chegar à interpretação final não é transparente para as pessoas, ou seja, eles não entendem de forma clara a intensão do teste. Os itens foram construídos em relação a diversas experiências de vida.

Foram consultados para efectuar a avaliação dos 67 itens três juízes; Robert Jay Lifton e dois doutores em Psicologia familiarizados com esta teoria. Tinha de escalar os itens

de 1 a 5 em termos de relevância em relação ao sentido de imortalidade simbólica na seguinte base: 1= Irrelevante; 2= Levemente associado; 3= Moderadamente associado; 4= Consideravelmente associado e 5= Muito associado. Foi-lhes ainda solicitado a tarefa de avaliarem se os itens tinham sido ou não identificados com o modo apropriado.

Dos 67 itens, 14 receberam a pontuação de 3 ou abaixo de 3, por mais de um membro do júri. Contudo, a escala foi aplicada a um grupo de 184 estudantes, 93 raparigas e 91 rapazes entre os 19 e os 50 anos, de uma universidade do Canadá, no Québec. Só após ter sido efectuada a primeira análise da consistência interna para verificar quais os itens que menos se correlacionavam com o conceito em estudo, sendo depois abandonados definitivamente os 14 itens referidos anteriormente. Os 53 itens restantes foram considerados como tendo uma certa correlação com o conceito em estudo. Mais tarde 27 itens foram retirados baseando-se no peso das suas correlações (Santos, 1999).

Com isto, o questionário final ficou constituído por 26 itens, 15 verdadeiros e 11 falsos, uma vez que os itens se encontram alternados entre positivos e negativos, os participantes são encorajados a ler o questionário com maior atenção. O coeficiente alfa desenvolvido por Cronbach (1951) foi utilizado para medir a consistência interna. Assim, na listagem inicial, 67 itens (N=184) o Alfa de Cronbach foi de 0.87, isto é, um grau elevado de coerência interna, o que se traduz num indicador de coerência da teoria.

A SSIS foi analisada após ter sido administrada. O seu Alfa de Cronbach foi de 0.91 (N=136), como tal pode-se concluir que a presente escala mede o sentido de imortalidade simbólica e com um elevado grau de consistência interna. A consistência interna foi medida para as 5 escalas. A subescala que mede o modo biológico ou biossocial (itens 5, 11, 12, 14, 19, 21, 23, 25) obteve um alfa de Cronbach de 0.75, com baixa redundância interitem com correlação média de 0.39. Quanto à subescala que mede o modo criativo (itens 4, 6, 7, 9, 20, 22, 24) produziu um coeficiente alfa de 0.82 com um nível de redundância interitem aceitável (correlação média de 0.37 e com um máximo de 0.62). A subescala que mede o modo espiritual/religioso (itens 1, 8, 10, 15) produziu um alfa de Cronbach de 0.64 com baixa redundância interna (correlação média de 0.39 e com um máximo de 0.48). No que concerne à subescala que mede o modo transcendental (itens 3, 13, 17, 26) obteve um coeficiente alfa de Cronbach de 0.63, com uma redundância interitem baixa (correlação média de 0.21 e máxima de 0.37). Por fim, a subescala que mede o modo natural (itens 2, 16, 18) produziram um alfa de Cronbach de 0.53 com uma redundância baixa (correlação média de 0.27 e com um máximo de 0.34). Com o objectivo de avaliar a fidelidade 29 sujeitos participaram no teste

reteste com a segunda aplicação após 3 semanas da primeira aplicação. Os resultados demonstraram que a SSIS não flutua pelo menos num curto espaço de tempo. Os modos que se destacaram foram o biológico, o criativo e o espiritual, ou seja, os que apresentam uma maior consistência interna. O autor concluiu que a escala tem maior validade quando aplicada como um todo (Drolet, cit. por Santos, 1999).

No que concerne à cotação, como foi referido anteriormente dos 26 itens que constituem a escala, 15 encontram-se formulados na positiva (itens 1, 2, 7, 8, 9, 10, 13, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25), (e.g., item 1 - *Desenvolvi uma compreensão própria da existência que me ajuda a apreciar a vida ao máximo*; ou Item 10 - *Tenho certos valores ou crenças que me ajudam a aceitar ou ultrapassar a minha condição de mortal*) e 11 na negativa (itens 3, 4, 5, 6, 11, 12, 14, 17, 19, 23, 26), (e.g., item 3: *Nada de interessante acontece na minha vida* ou item 11: *Tenho a impressão de que a natureza humana está condenada à morte e à destruição*). Os itens formulados na positiva são cotados com 1, 2, 3, 4 e 5 e os itens formulados na negativa são cotados com 5, 4, 3, 2 e 1, de seguida somam-se todos os valores.

2.2.4- Escala do Perfil de Atitudes Perante a Morte - Revisto (DAP-R)

Para avaliar os perfis de atitudes acerca da morte, será usada a Escala de Avaliação do Perfil de Atitudes acerca da Morte – Revisto, dos autores Wong, Reker e Gesser, de 1994, traduzida e adaptada para a população portuguesa por Loureiro, L., em 2010. É uma medida multidimensional revista a partir da versão original - Death Attitude Profile (DAP) de Gesser, Wong e Reker (1987), sendo desenvolvida pelos autores a partir da análise da aceitação da morte, como era referida por Kübler-Ross (1981/2008), que a considerava o último estágio do processo de morrer.

Deste modo, para os autores, a ansiedade face à morte é menos específica e com um menor grau de consciência do que o medo da morte, pois este está relacionado com a incapacidade do ser humano de encontrar significados para a sua morte e para a sua vida. Com isto pode-se afirmar, que o homem aceita ou teme a sua morte, tendo em conta a forma como viveu, como aceitou o seu percurso ao longo da sua vida e dos significados que lhe foi atribuindo. Gesser, Wong e Reker reconheceram três tipos de aceitação da morte ao estudarem este conceito. Os três tipos identificados foram a Aceitação neutra, a Aceitação

religiosa e a Aceitação de escape. A aceitação de que a morte faz parte da vida e o ser humano tem de a aceitar por isso mesmo é considerada a Aceitação neutra. Ou seja, alguém que tenha este tipo de aceitação não deseja a morte, mas também não tem medo dela, uma vez que faz parte da vida e não pode, nem consegue alterar esse facto. Como tal, tenta viver o melhor possível com a noção de mortalidade sempre a seu lado. Esta aceitação pode ser considerada um modo natural de encarar as circunstâncias, que rodeiam o ser humano e de uma certa forma é um modo mais independente do que a Aceitação religiosa. A Aceitação religiosa por sua vez implica uma determinada crença numa vida repleta de felicidade para além da morte, e numa crença religiosa e/ou espiritual, felicidade essa que será eterna (Wong, et al., 1994). No que concerne à Aceitação de escape, esta pode ser encarada como uma resposta a uma vida cheia de dificuldades e tristezas. Isto é, quando existe dor e sofrimento na vida das pessoas, elas tendem a encarar a morte como uma escapatória a todas essas contradições, vendo na morte a resposta para os seus problemas, bem como um alívio. Estas pessoas apresentam estas atitudes, pois a forma eficaz como lidavam com a dor e com o sofrimento que a vida lhes trouxe e trás, já não consegue ser suficiente, para colmatar as experiências desagradáveis da vida (Wong, et al., 1994).

Apenas quando a DAP surgiu houve uma medida efectiva para medir os diversos modos de aceitação (Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape), desta forma inicialmente a DAP era constituída por 21 itens, que englobavam quatro subescalas. Essas escalas mediam quatro dimensões: o Medo da morte, a Aceitação religiosa, a Aceitação neutra e a Aceitação de escape (Wong, et al., cit. por Lopes, 2010).

Após algum tempo percebeu-se que existiam algumas pessoas que preferiam evitar o tema da morte, a todos os seus níveis e constatou-se que a DAP não contemplava esse grupo de pessoas. Devido a isto surgiu a DAP-R dos mesmos autores da DAP, Wong, Reker e Gesser em 1994, que já contempla o evitamento da morte, ou seja, qualquer contacto, pensamento, ou atitude reduz ou poderá vir a reduzir a ansiedade perante ela (mecanismo de defesa psicológico). Foi ainda reformulada a escala do Medo da morte, retirando alguns itens e acrescentando outros, pois era pretendido que esta se focasse inteiramente no medo da morte e não no medo de morrer. Os autores acrescentaram ainda alguns itens às escalas da Aceitação neutra, à Aceitação religiosa e à Aceitação de escape. No final de todas as alterações sofridas e após a análise factorial o DAP-R passou a ter 32 itens e a medir cinco dimensões: o Medo da Morte, o Evitamento da Morte, a Aceitação Religiosa, a Aceitação Neutra e a Aceitação de Escape.

Esta escala, constituída por 32 itens, é apresentada numa estrutura de Likert, de 1 a 7, sendo que 1 corresponde a “discordo completamente” e 7 “concordo completamente”. Estes 32 itens abrangem cinco dimensões, nomeadamente: aceitação como aproximação/religiosa (10 itens), medo da morte (7 itens), evitamento da morte (5 itens), aceitação neutral/neutralidade (5 itens) e aceitação como escape (5 itens). Deste modo, o factor do medo da morte é calculado através da soma dos 7 itens (1, 2, 7, 18, 20, 21 e 32), o factor do evitamento da morte através da soma dos 5 itens (3, 10, 12, 19 e 26), o factor da aceitação neutral através da soma dos 5 itens (6, 14, 17, 24 e 30), o factor da aceitação religiosa é a soma de 10 itens (4, 8, 13, 15, 16, 22, 25, 27, 28 e 31) e finalmente o factor aceitação de escape obtém-se pela soma 5 itens (5, 9, 11, 23 e 29).

Após as somas totais de cada factor, efectua-se a média, dividindo o valor obtido na soma pelo número de itens que constituem o factor referido. Os autores Wong, Reker, e Gesser obtiveram valores médios para uma população de 300 adultos de diversas idades, das mais variadas proveniências socioculturais e tanto do sexo feminino, como do sexo masculino. Os valores para o Medo da morte foram de 3.03, para o Evitamento da morte foram de 2.91, para a Aceitação neutra foram de 5.57, para a Aceitação religiosa forma de 4.95 e para a Aceitação de escape forma de 4.45.

Tendo em conta a análise factorial, os autores Wong e os seus colaboradores (1994) verificaram que as cinco dimensões (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação Religiosa, Aceitação neutra e Aceitação de escape) são independentes e que os valores obtidos são puros e com uma consistência interna boa (Alpha de Cronbach a variar entre 0.65 e 0.97 para as diferentes dimensões).

No que concerne às correlações e às atitudes face à morte, os autores afirmam que a Aceitação neutra tem a tendência para ser a que tem um funcionamento mais bem adaptado, pois a grande maioria das pessoas encara a morte como sendo algo inalterável e inevitável nas suas vidas, conseguindo assim, viver melhor e fazer um melhor uso dos seus dias (Wong, et al., 1994).

O estudo descontextualizado do medo da morte não se verifica na DAP-R, o que faz com que esta seja uma das melhores medidas para aceder às atitudes perante a morte e a única medida que o faz de uma forma ampla (Lopes, 2010).

A tradução da escala para a língua portuguesa foi efectuada por dois investigadores e por um professor de língua inglesa. Após a tradução foi efectuada uma análise á validade de constructo dos itens por dois investigadores, após este processo estar concluído foi solicitado

a um professor de língua inglesa que averiguasse a tradução efectuada e colocasse as observações que considerasse pertinentes. De seguida efectuou-se um pré-teste a cerca de 40 indivíduos para que fossem averiguadas as dificuldades de interpretação e de leitura dos itens, incluindo 15 profissionais de saúde. Finalmente foi realizada uma avaliação da validade e da fidelidade, tendo como objectivo encontrar a solução factorial que fosse coerente com as concepções teóricas (validade de constructo), assim como com a análise da consistência interna. Foram utilizadas análises factoriais exploratórias pelo método de Componentes Principais (ACP) para o estudo da validade de constructo, bem como rotações ortogonais Varimax dos factores de modo a tornar interpretáveis as soluções encontradas (Bryman & Cramer; Kline; cit. por Loureiro, 2010). Utilizou-se como critério relativamente ao número de factores a reter, os que apresentassem valores próprios iguais ou superiores a 1.00. Quanto à validade convergente do item com o factor, o item deveria apresentar carga factorial com o factor $\geq .30$, na validade discriminante, o item deveria saturar com carga ≥ 0.30 apenas com o factor hipotético, a solução final encontrada deveria apresentar cerca de 50% de variação total explicada e não deveria existir discrepância entre a solução encontrada e a estrutura teórica do instrumento.

Quanto ao estudo da fidelidade efectuou-se a análise da consistência interna para as dimensões da escala. Este estudo revelou valores razoáveis para cada uma das dimensões, embora o valor do coeficiente da dimensão “aceitação neutral” seja de $\alpha=0.64$, foi considerado aceitável, pois o valor obtido pelos autores da versão original foi de $\alpha=0.65$ (Loureiro, 2010).

Relativamente ao estudo da validade de constructo realizaram-se análises factoriais em componentes principais de acordo com a rotação ortogonal varimax. De acordo com os resultados encontrados 5 factores mostram valores próprios ≥ 1.00 . Estes valores explicam o valor de 58.89% da variância. É de salientar que o valor 0.905 para a medida KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) é considerado muito bom, bem como o resultado (χ^2 (496): =22120,7; $p=0.000$) do teste de esfericidade de Bartlett. Com estes resultados pode-se afirmar que a análise é consistente com a solução obtida por Wong, Reker e Gesser (1994), bem como com os pressupostos teóricos que antecederam a construção do instrumento, uma vez que os itens apresentam cargas factoriais nas dimensões que lhe são devidas (Loureiro, 2010).

Foram efectuados vários testes, tal como o teste de significância da correlação de Pearson, U de Mann-Whitney e ANOVA de um critério com procedimento *post hoc* Student-Newman-Keuls e calculadas as estatísticas resumo (Loureiro, 2010).

2.3- Procedimento

O ponto de partida para o início deste estudo foi o interesse sobre a influência que a ansiedade face à morte e os seus perfis de atitudes pudessem ter no desejo de imortalidade simbólica, como tal, principiou-se a etapa exploratória do estudo, que consistiu, inicialmente, numa revisão bibliográfica acerca da temática, na escolha dos instrumentos que fossem ao encontro do tema em estudo, na solicitação da autorização para a sua utilização, seguindo-se a recolha da amostra e do estudo quantitativo.

Na primeira fase da investigação foi efectuada uma revisão bibliográfica sobre a temática que se pretendia estudar, bem como sobre os estudos já efectuados. Numa segunda etapa foram seleccionadas as variáveis sobre as quais iria incidir o estudo e elegidos os instrumentos de avaliação, bem como a solicitação da autorização para a sua utilização. Esta solicitação foi efectuada via e-mail aos respectivos autores das traduções e adaptações das medidas à população portuguesa. Após a recepção da autorização e acesso aos respectivos instrumentos, procedeu-se a elaboração do protocolo de avaliação, no qual está integrado o respectivo consentimento informado.

2.3.1- Procedimento na Recolha de Dados

A selecção dos participantes estabeleceu como critérios, ser estudante universitário, de 1º ou de 2º ciclo (licenciatura ou mestrado). De seguida, o processo de recolha de dados foi efectuado junto dos alunos universitários das diversas áreas de estudo, com a autorização dos Professores e na sua maioria no contexto de sala de aula. Foi entregue o respectivo protocolo de avaliação aos estudantes, sendo explicado o objectivo geral da investigação e solicitando-se a sua participação no estudo. A participação foi totalmente voluntária, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados.

2.3.2- Procedimento Estatístico

Recorreu-se ao programa estatístico SPSS - versão 18 (Statistical Package for the Social Sciences) para realizar as análises dos dados obtidos.

Com o objectivo de caracterizar a amostra, recorreu-se à estatística descritiva de acordo com os dados recolhidos no questionário sociodemográfico e com as variáveis consideradas no estudo – A ansiedade face à morte, O desejo de imortalidade simbólica e O perfil de atitudes perante a morte (medo da morte, evitamento da morte, aceitação neutra, aceitação religiosa e aceitação de escape). Foi efectuado o cálculo de frequências e percentagens, bem como a determinação de médias e desvios-padrão, mínimos e máximos, tendo sempre em conta as variáveis envolvidas.

De seguida, de forma a avaliar diferenças nas dimensões de Atitudes perante a morte, os níveis de ansiedade face à morte e de Imortalidade Simbólica tendo em conta o sexo, utilizou-se o teste não paramétrico de Mann-Whithney e de modo a verificar o efeito que teriam a idade, a área de estudo, a religiosidade e o estado civil face às atitudes perante a morte, aos níveis de ansiedade e de imortalidade simbólica, recorreu-se ao teste Kruskall-Wallis.

Para o estudo da correlação linear entre as variáveis referentes às dimensões de Atitudes e Ansiedade perante a morte, o Sentido de Imortalidade Simbólica e variáveis sociodemográficas, utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson e de Spearman.

Finalmente, para se verificar a influência das variáveis Atitudes e Ansiedade perante a morte, no Desejo de Imortalidade Simbólica empregou-se a regressão linear.

Capítulo III - Resultados

3.1- Atitudes Perante a Morte

3.1.1- Estatística Descritiva

A descrição dos resultados obtidos no presente estudo será apresentada neste ponto.

Tendo em conta a amostra inicial de estudantes universitários (N=310), apenas foram considerados válidos 294 inquéritos, devido à existência de missing values nos 16 restantes.

Inicialmente apresentar-se-ão os resultados estatísticos descritivos referentes à média, aos valores máximos e mínimos e ao desvio padrão, tendo em conta as cinco dimensões da escala de atitudes perante a morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape). Os valores mais elevados obtidos pelos estudantes universitários, constituintes da amostra do presente estudo são referentes à dimensão da Aceitação neutra, seguindo-se o Evitamento da morte, o Medo da morte, a Aceitação religiosa e por fim a Aceitação de escape.

Quadro 2

DAP-R (Estatística Descritiva)

	M	DP	Min.	Máx.
Medo da morte	3,82	1,25	1,00	7,00
Evitamento da morte	3,96	1,36	1,00	7,00
Aceitação neutra	5,44	0,70	2,80	7,00
Aceitação religiosa	3,53	1,25	1,00	6,40
Aceitação de escape	3,21	1,31	1,00	7,00

Nota. N=294

3.1.2- Estatística Inferencial

3.1.2.1- Análise em função da idade

As comparações das diferenças médias quanto às dimensões da DAP-R (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) em função da idade foram avaliadas através do teste não paramétrico Kruskal-Wallis.

Quadro 3

DAP-R: Comparação em função dos grupos de idades

	Média das Ordens				χ^2
	Idades até aos 20 (N=73)	Idade dos 21 aos 23 (N=78)	Idades dos 24 aos 28 (N=69)	Idades superiores a 29 (N=72)	
Medo da morte	148,27	147,83	126,59	162,33	6,43
Evitamento da morte	149,47	145,40	128,27	162,15	5,81
Aceitação neutra	159,16	141,13	136,10	149,44	3,12
Aceitação de escape	150,45	150,37	136,09	148,28	1,41
Aceitação religiosa	161,06	142,97	125,32	155,85	7,55

Nota. N=292

Numa fase inicial foram constituídos quatro grupos, para se proceder à comparação dos estudantes universitários, em função da idade: o primeiro grupo com idades até aos 20 anos inclusive (N=73), o segundo grupo com idades compreendidas entre os 21 e os 23 anos (N=78), o terceiro grupo com idades compreendidas entre os 24 e os 28 anos (N=69) e o quarto e último grupo com idades iguais ou superiores a 29 anos (N=72).

Para as cinco dimensões de atitudes perante a morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) foi efectuada a comparação relativamente às médias. Pode-se verificar, a partir da análise do Quadro 2 que em relação ao Medo da morte e ao Evitamento da morte as médias mais elevadas são dos indivíduos com idades iguais ou superiores a 29 anos, seguindo-se os estudantes com idades iguais ou inferiores a 20 anos, verificando-se que os dois grupos etários centrais apresentam

valores mais reduzidos. No que diz respeito à Aceitação neutra, à Aceitação de escape e Aceitação religiosa as médias mais elevadas são as dos indivíduos com idades iguais ou inferiores a 20 anos, seguindo-se os de idade igual ou superior a 29 anos, verificando-se de igual forma que os grupos etários centrais são os que apresentam as médias de valor mais baixo.

3.1.2.2- Análise em função do sexo

As comparações inter-sexo tendo em conta as variáveis quanto às dimensões da DAP-R (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) foram avaliadas através do teste não paramétrico de Mann-Whitney.

Quadro 4

DAP-R: Comparação em função do sexo

	Média das Ordens		U
	Mulheres (N=210)	Homens (N=83)	
Medo da morte	156,90	121,95	6636,00
Evitamento da morte	155,85	124,60	6855,50
Aceitação neutra	144,32	153,78	8152,00
Aceitação de escape	142,02	159,59	7670,00
Aceitação religiosa	149,69	140,19	8150,00

Nota. N=293

No que diz respeito à comparação entre o sexo feminino e o sexo masculino, quanto às cinco dimensões das atitudes perante a morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) verifica-se, a partir da observação do Quadro 4, que as mulheres apresentam níveis médios superiores de Medo da morte e de Evitamento da morte comparativamente com o sexo masculino, mas que no que diz respeito à Aceitação religiosa os valores do sexo feminino, embora sejam mais elevados, do que no sexo masculino não apresentam diferenças estatisticamente significativas. Observa-

se ainda que relativamente aos valores das dimensões da Aceitação neutra e Aceitação de escape o sexo masculino apresenta valores médios mais elevados, embora com significância estatística reduzida.

3.1.2.3- Análise em função da área de estudo

As comparações entre as áreas de estudo e as variáveis das dimensões da DAP-R (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) foram avaliadas através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis.

Quadro 5

DAP-R: Comparação em função da área de estudo

	Média das Ordens				
	Medo da Morte	Evitamento da Morte	Aceitação Neutra	Aceitação de Escape	Aceitação Religiosa
Arquit., Urban. e Geo. (N=39)	128,12	136,79	145,81	148,67	148,22
Letras (N=2)	166,75	186,75	195,00	118,00	176,5
Engenharia e C. Naturais (N=23)	135,20	135,35	132,02	169,52	147,67
Ciências da Saúde (N=11)	121,05	118,23	161,32	165,86	193,59
Ciências Sociais e Humanas (N=66)	161,42	170,82	150,79	150,53	171,83
Economia e Gestão (N=12)	136,00	157,38	122,79	149,79	147,33
Ex. Físico e Desporto (N=14)	138,25	138,54	162,29	126,82	137,64
Psicologia (N=115)	154,32	141,84	147,86	145,42	131,62
Comunicação (N=11)	121,09	139,59	134,77	98,36	112,68
χ^2	7,69	8,77	3,52	7,02	15,04

Nota. N=293

Relativamente à comparação da área de estudo tendo em conta as cinco dimensões de atitudes perante a morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) observa-se a partir do Quadro 5, que o Medo da morte e o Evitamento da morte têm valores mais elevados na área de estudo das Ciências Sociais e Humanas e valores mais baixos nas Ciências da Saúde. No que diz respeito às restantes áreas de estudo apresentam valores de Medo da morte e de Evitamento da morte semelhantes, com exceção da área da Economia e Gestão, que por sua vez apresentam um valor relativamente mais baixo de Medo da morte do que de Evitamento da morte. A dimensão da Aceitação neutra não apresenta variâncias significativas entre as diversas áreas de estudo, variando o seu valor entre 5,15 (Comunicação) e 5,65 (Ciências da Saúde). No que concerne às dimensões da Aceitação religiosa e da Aceitação de escape os valores superiores são na área das Ciências da Saúde e os valores médios são na área da Comunicação.

Embora a área de estudo de Letras apresente valores elevado nas dimensões acima descritas, não são consideradas estatisticamente significativas devido à sua amostra (N=2).

3.1.2.4- Análise em função da religiosidade

Relativamente às comparações do estado civil com as dimensões da DAP-R (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) foram avaliadas através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis..

Quadro 6

DAP-R: Comparação em função da religiosidade

	Média das Ordens			χ^2
	Ateus (N=153)	Cristãos (N=130)	Outras crenças (N=11)	
Medo da morte	148,59	147,04	137,77	0,17
Evitamento da morte	142,79	155,26	121,32	2,60
Aceitação neutra	144,49	149,85	161,65	0,60
Aceitação de escape	138,54	156,11	170,36	3,84
Aceitação religiosa	109,35	189,52	181,55	64,44*

Nota. N=294

*p<0.05

Nas comparações entre a religiosidade e as cinco dimensões de atitudes perante a morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) constituíram-se três grupos, um grupo para os estudantes universitários que afirmaram ser ateus, um segundo grupo para os estudantes que afirmaram ser cristãos e um terceiro grupo onde foram agrupadas as restantes crenças religiosas e/ou espirituais expressas.

A partir da observação do Quadro 6 é possível constatar que, relativamente às dimensões Medo da Morte e Evitamento da Morte, os Ateus e os Cristãos apresentam os valores mais elevados e as outras crenças um valor mais reduzido. No que diz respeito à Aceitação de escape o valor mais elevado é nos indivíduos que referiram ter outras crenças religiosas e/ou espirituais e o valor mais baixo diz respeito aos alunos que se afirmaram Ateus. Tendo em conta a Aceitação religiosa o valor inferior é referente aos Ateus e os valores mais elevados dizem respeito aos que têm crenças religiosas (Cristãos e outras crenças).

No que concerne à Aceitação neutra e à religiosidade os valores não são estatisticamente significativos.

3.1.2.5- Análise em função do estado civil

A comparação entre o estado civil e as variáveis das dimensões da DAP-R (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) foi avaliada através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis.

Quadro 7

DAP-R: Comparação em função do estado civil

	Média das Ordens			χ^2
	Solteiros (N=245)	Casados (N=33)	Divorciados (N=15)	
Medo da morte	144,27	165,82	150,27	1,91
Evitamento da morte	145,50	149,50	165,93	0,86
Aceitação neutra	146,57	138,82	172,00	1,63
Aceitação de escape	145,57	151,91	159,60	0,51
Aceitação religiosa	143,66	154,95	184,03	3,54

Nota. N=293

Relativamente ao estado civil, os estudantes universitários foram divididos em três grupos, o primeiro referente aos estudantes solteiros, o segundo relativo aos estudantes casados e o terceiro alusivo aos estudantes divorciados.

Existem diferenças significativas no que diz respeito à dimensão do Medo da morte sendo que os valores superiores são referentes aos indivíduos casados e os valores inferiores são referentes aos estudantes solteiros. Tendo em conta o Evitamento da morte e a Aceitação religiosa os indivíduos divorciados apresentam um valor mais elevado e os solteiros, mais uma vez apresentam valores inferiores. Contudo nas dimensões da Aceitação neutra e da Aceitação de escape os valores são semelhantes tendo em conta o estado civil, sendo que não apresenta diferenças estatisticamente significativas.

3.2- DAS e SSIS

3.2.1- Estatística Descritiva

No quadro seguinte apresentam-se os resultados estatísticos descritivos relativos à média, aos valores máximos e valores mínimos e ao desvio padrão tendo em conta o resultado total da DAS e da SSIS.

Quadro 8

DAS e SSIS (Estatística Descritiva)

	M	DP	Min.	Máx.
DAS ^a	2,84	0,54	1,40	4,47
SSIS ^b	2,33	0,57	1,19	3,73

Nota. N^a=296 e N^b=291

Relativamente à amostra inicial (N=310), foram apenas considerados válidos 296 inquéritos para a DAS e 291 SSIS, devido à existência de missing values.

Os resultados indicam que os valores médios da DAS são superiores aos valores da SSIS, verificando que existe um nível de ansiedade perante a morte superior ao desejo de imortalidade simbólica.

3.2.2- Estatística Inferencial

3.2.2.1- Análise em função da idade

As comparações das diferenças médias quanto à Escala de ansiedade perante a morte (DAS) e a Escala do sentido de imortalidade simbólica (SSIS) em função da idade foram avaliadas através do teste não paramétrico Kruskal-Wallis.

Quadro 9

DAS e SSIS: Comparação em função dos grupos de idades

	Média das Ordens				χ^2
	Idades até aos 20	Idade dos 21 aos 23	Idades dos 24 aos 28	Idades superiores a 29	
DAS ^a	134,39	153,70	155,72	146,08	2,87
SSIS ^b	153,53	152,14	154,91	118,46	9,37*

Nota. N^a=294 e N^b=289

*p<0,05

Foi efectuada a comparação relativamente às médias da DAS e da SSIS. Os grupos etários constituídos anteriormente mantiveram-se nesta análise, todavia o número total de amostra válida é variável, devido à existência de missing values. Assim, as idade menores ou iguais a 20 anos na DAS têm um N=74 e na SSIS o N=72. No segundo grupo etário, que corresponde a idades compreendidas entre os 21 e os 23 anos à DAS corresponde um N=76 e à SSIS um N=77. No terceiro grupo de idades (24 aos 28 anos) a DAS tem um N=73 e a SSIS um N=70. Por último, no grupo etário correspondente a idades iguais ou superiores a 29 anos a o N da DAS é de 71 e o N da SSIS é de 70.

Verifica-se a partir do Quadro 9 que as idades entre os 21 e os 28 anos apresentam valores mais elevados em relação às idades inferiores a 20 anos e superiores a 29, embora os valores não sejam muito significativos, para a DAS e para a SSIS os valores apresentados mais elevados são dos alunos de 24 a 28 anos, seguidos dos alunos de idades iguais ou inferiores a 20 anos (não são estatisticamente significativos).

3.2.2.2- Análise em função do sexo

As comparações inter-sexo tendo em conta as variáveis correspondentes à DAS e à SSIS foram avaliadas através do teste não paramétrico de Mann-Whitney.

Quadro 10

DAS e SSIS: Comparação em função do sexo

	Média das Ordens		U
	Mulheres	Homens	
DAS ^a	139,34	169,40	7106,00*
SSIS ^b	142,06	153,66	8070,50

Nota. N^a=295 e N^b=290

*p<0,05

Relativamente ao género, pode-se afirmar que o sexo masculino apresenta valores médios superiores tanto na DAS como na SSIS comparativamente com o sexo feminino. Salienta-se ainda o facto de tanto os homens como as mulheres apresentarem valores médios mais elevados na Escala de Ansiedade Perante a Morte (DAS).

Devido aos missing values a amostra referente ao sexo masculino é de um N=85 para a DAS e de um N=86 para a SSIS. No que concerne ao sexo feminino a amostra é de N=210 e N=204, para a DAS e para a SSIS respectivamente.

3.2.2.3- Análise em função da área de estudo

As comparações entre as áreas de estudo às variáveis DAS e SSIS foram avaliadas através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis.

Quadro 11

DAS e SSIS: Comparação em função da área de estudo

	Média das Ordens	
	DAS ^a	SSIS ^b
Arquit., Urban. e Geo. (N=39)	158,09	155,99
Letras (N=2)	83,00	197,83
Engenharia e C. Naturais (N=23)	164,61	116,39
Ciências da Saúde (N=11)	180,09	149,18
Ciências Sociais e Humanas (N=66)	124,31	162,35
Economia e Gestão (N=12)	178,58	113,23
Ex. Físico e Desporto (N=14)	146,00	132,89
Psicologia (N=115)	150,84	140,70
Comunicação (N=11)	138,88	161,63
χ^2	11,59	10,09

Nota. N^a=295 e N^b=290

Tendo em conta a área de estudo verifica-se que as diferenças não são estatisticamente significativas no que diz respeito à Escala de ansiedade perante a morte (DAS) e à Escala do sentido de imortalidade simbólica (SSIS), pois todos os cursos apresentam valores próximos e mais elevados na DAS do que na SSIS. Todavia é de salientar que a área de estudo de Engenharia e Ciências Naturais, e Economia e Gestão apresentam não só os valores mais elevados para a DAS, bem como os valores mais baixos para a SSIS.

A única área de estudo que contraria os dados acima mencionados é a área de Letras, mas tal não tem significância estatística pois o seu N=3 tanto para a DAS como para a SSIS.

Os valores totais da amostra relativamente à área de estudo, em alguns casos são diferentes para a DAS e para a SSIS, devido à existência de missing values. Como tal, para a área de Arquitectura, Urbanismo e Geografia o N=40 para a DAS e N=38 para a SSIS; no que diz respeito à área de Engenharia e Ciências Naturais o N=22 e N=23 para a DAS e para a

SSIS respectivamente; relativamente à área das Ciências Sociais e Humanas o N=64 corresponde à DAS e o N=61 à SSIS; no que concerne à área da Psicologia existe um N=116 para a DAS e um N=115 para a SSIS; para as áreas das Ciências da Saúde (N=11), da Economia e Gestão (N=13), para o Exercício Físico e Desporto (N=14) e para a área da Comunicação (N=12) a amostra é igual para ambas as escalas.

3.2.2.4- Análise em função da religiosidade

Relativamente às comparações do estado civil com a DAS e com a SSIS foram avaliadas através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis.

Quadro 12

DAS e SSIS: Comparação em função da religiosidade

	Média das Ordens			χ^2
	Ateus	Cristãos	Outras Crenças	
DAS ^a	154,97	142,63	133,17	1,88
SSIS ^b	149,02	139,43	178,79	2,80

Nota. N^a=296 e N^b=291

No que concerne à análise da religiosidade, pode-se referir que relativamente à DAS os alunos universitários que se declararam ateus têm uma maior ansiedade face à morte que os alunos que afirmaram crentes. A diferença entre a religião cristã e as outras crenças e/ou religiões não é estatisticamente significativa.

Tendo em conta a SSIS, as diferenças entre o ateísmo e o cristianismo não têm significância estatística e apresentam valores mais baixos do que as outras crenças e/ou religiões.

A população da análise da religiosidade, tendo em conta os missing values, tem um N igual para os alunos ateus (N=150) e para os que têm outras crenças espirituais e/ou religiosas (N=12) na DAS e na SSIS e para os alunos que se afirmam como cristãos tem um N=134 para a DAS e um N=129 para a SSIS.

3.2.2.5- Análise em função do estado civil

A comparação entre o estado civil e as variáveis DAS e SSIS foram avaliadas através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis.

Quadro 13

DAS e SSIS: Comparação em função do estado civil

	Média das Ordens			χ^2
	Solteiros	Casados	Divorciados	
DAS ^a	148,00	140,67	163,79	0,70
SSIS ^b	153,22	99,40	111,53	13,62*

Nota. N^a=295 e N^b=290

*p<0.05

Relativamente à análise do estado civil, pode referir-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os valores médios obtidos da DAS e da SSIS. Os valores obtidos na SSIS, tanto nos solteiros, como nos casados e divorciados têm valores inferiores do que os valores médios obtidos na DAS para os três estados civis. Os valores da DAS não têm significância estatística entre eles, sendo os divorciados a obterem o valor mais elevado. Os valores da SSIS, também não apresentam grandes diferenças estatísticas, embora os valores referentes aos solteiros sejam mais elevados do que para os casados ou divorciados significativamente. É ainda de salientar que o estado civil referente aos casados tem os valores mais baixos, tanto na DAS como na SSIS.

A população da análise do estado civil, tendo em conta os missing values, tem um valor igual para os alunos casados (N=30) na DAS e na SSIS, para os solteiros tem um N=251 para a DAS e um N=245 para a SSIS e para os divorciados a DAS tem um N=14 e a SSIS tem um N=15.

3.3- Relação entre as variáveis

Com o objectivo de estudar a relação entre as diversas variáveis realizou-se um estudo correlacional, utilizando-se o teste de correlação de Pearson.

3.3.1- Relação entre a DAP-R, a DAS e a SSIS

As correlações obtidas a partir do teste de Correlação de Pearson, entre as cinco dimensões de Atitudes Perante a Morte, a Escala de Ansiedade face à Morte e a Escala do Sentido de Imortalidade Simbólica, encontram-se no Quadro 14.

Quadro 14

Correlação entre DAP-R, DAS e SSIS

	Medo da morte	Evitamento da morte	Aceitação neutra	Aceitação religiosa	Aceitação de escape	DAS	SSIS
Medo da morte	1,000	0,581***	-0,284***	0,057	-0,011	-0,702***	0,199**
Evitamento da morte		1,000	-0,196**	0,083	0,038	-0,478***	-0,004
Aceitação neutra			1,000	0,036	0,100	0,202**	-0,113
Aceitação religiosa				1,000	0,446***	-0,142*	0,090
Aceitação de escape					1,000	-0,045	0,286***
DAS						1,000	-0,288***
SSIS							1,000

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p < 0,001$

Verifica-se a partir da análise do quadro, relativamente à dimensão das atitudes perante a morte, que o Medo da morte encontra-se positiva e significativamente relacionado com o Evitamento da morte (ao nível de significância 0,01), relacionando-se negativa e significativamente com a Aceitação neutra (ao nível de significância 0,01). Por sua vez, o Evitamento da morte relaciona-se negativa e significativamente com a Aceitação neutra (ao nível de significância de 0,01). Pode-se ainda constatar que a Aceitação religiosa relaciona-se positiva e significativamente com a Aceitação de escape (ao nível de significância 0,01).

No que diz respeito à DAS, pode-se afirmar a existência de relações positivas e significativas (ao nível de significância 0,01) com a Aceitação neutra e relações negativas e significativas com o Medo da morte, com o Evitamento da morte, Sentido de imortalidade simbólica (ao nível de significância 0,01) e com a Aceitação religiosa (ao nível de significância 0,05).

No que concerne à SSIS, verifica-se a existência de relações positivas e significativas (ao nível de significância 0,01) com a Aceitação de escape e com o Medo da morte.

3.3.2- Relação entre a DAS, a SSIS e a Idade

As correlações obtidas a partir do teste de Correlação de Spearman, entre a Escala de Ansiedade perante a Morte, a Escala do Sentido de Imortalidade Simbólica e a Idade, encontram-se no Quadro 15.

Quadro 15

Correlação entre DAS, SSIS e Idade

	DAS	SSIS	Idade
DAS	1,000	-0,241***	0,039
SSIS		1,000	-0,114
Idade			1,000

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p < 0,001$

A partir da análise do quadro 15, pode-se afirmar a existência de uma relação positiva entre a idade e a ansiedade face à morte e uma relação negativa, entre o sentido de imortalidade simbólica e a idade, ambas sem significância.

3.3.3- Relação entre a DAP-R e a Idade

As correlações obtidas a partir do teste de Correlação de Spearman, entre as cinco dimensões de Atitudes Perante a Morte e a Idade, encontram-se no Quadro 16.

Quadro 16

Correlação entre DAP-R e Idade

	Medo da morte	Evitamento da morte	Aceitação neutra	Aceitação religiosa	Aceitação de escape	Idade
Medo da morte	1,000	0,566***	-0,292***	0,051	-0,009	0,040
Evitamento da morte		1,000	-0,193**	0,078	0,057	0,036
Aceitação neutra			1,000	-0,017	0,082	-0,058
Aceitação religiosa				1,000	0,457***	-0,046
Aceitação de escape					1,000	-0,028
Idade						1,000

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p < 0,001$

Tendo em conta a análise do quadro, no que concerne à dimensão das atitudes perante a morte (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) e a sua relação com a idade, verifica-se que o medo da morte e o evitamento da morte se encontram positivamente relacionados com a idade e que a aceitação

neutra, a aceitação religiosa e a aceitação de escape se encontram relacionadas negativamente com a idade. Ambos os casos não têm correlações significativas.

3.4- Influência da DAP-R e da DAS na SSIS

A influência obtida das cinco dimensões da variável Atitudes Perante a Morte e da variável Ansiedade Face à Morte sobre o Sentido de Imortalidade Simbólica encontra-se no Quadro 17.

Quadro 17

Influência da DAP-R e da DAS na SSIS

VD	Passos	VI	R ²	R ² Ajust	B	t
SSIS	1	DAS	0,082	0,079	-0,338	-5,237***
	2	DAP-Escape	0,101	0,145	0,283	5,021***
	3	DAP-Evitamento	0,177	0,167	-0,200	-3,105**
	4	DAP-Neutra	0,190	0,178	-0,121	-2,077*

*p<0,05 **p<0,01 ***p<0,001

Através dos resultados verificaram-se quatro variáveis independentes preditoras, as quais explicaram 17,8% da variância total na variável sentido de imortalidade simbólica. A primeira variável preditora encontrada foi a ansiedade perante a morte que explicou 7,9% da variância de forma indirecta, a segunda foi a aceitação de escape que esclareceu 6,6%, seguindo-se o evitamento da morte que explanou 2,2% e por fim, a quarta foi a aceitação neutra que explicou 1,1%, todas de forma indirecta.

As variáveis excluídas através do teste de regressão linear foram o medo da morte e a aceitação religiosa.

Capítulo IV – Discussão

Neste ponto proceder-se-á à discussão dos resultados obtidos na análise estatística, enquadrando-os com os pressupostos teóricos estruturadores do presente estudo.

4.1 – Escala do Perfil de Atitudes Perante a Morte - Revisto (DAP-R)

Na generalidade, os alunos universitários com idades iguais ou superiores a 29 anos e com idades iguais ou inferiores a 20 anos (por ordem decrescente) obtiveram valores mais elevados no que diz respeito ao Medo da morte e ao Evitamento da morte e valores inferiores (por ordem crescente) no que concerne à Aceitação neutra, à Aceitação de escape e à Aceitação religiosa.

Estes resultados não vão ao encontro da hipótese 8 colocada, que segundo a literatura, quanto mais velho fosse o indivíduo, mais ele pensava na morte, e como tal, aceitava-a com menos angústia, por ser algo inevitável (Rebelo, 2004/2007). Como tal, esperava-se que os níveis mais elevados das atitudes negativas perante a morte (medo da morte, evitamento da morte e aceitação de escape) fossem dos mais novos, o que não se verificou, uma vez que os valores superiores foram dos alunos com idades iguais ou superiores a 29 anos.

No que diz respeito ao género, de um modo geral o sexo feminino obteve valores mais elevados de Medo da morte, Evitamento da morte e Aceitação religiosa, do que no sexo masculino, embora não exista significância na Aceitação religiosa. Tendo em conta a Aceitação neutra e a Aceitação de escape têm valores superiores no sexo masculino do que no sexo feminino, mas com uma significância muito reduzida.

É possível constatar que estes resultados apenas confirmam uma parte da hipótese 7, onde se previa que o sexo masculino tivesse níveis mais elevados de Medo da morte, enquanto as mulheres apresentassem um nível mais elevado de Aceitação religiosa. Como tal verificou-se que o sexo feminino tem valores mais elevados de Aceitação religiosa, embora pouco significativos, mas não se verificou que o sexo masculino tivesse níveis mais elevados de Medo da morte.

Relativamente à área de estudo é relevante salientar, que os níveis mais elevados de Medo da morte são na área das Ciências Sociais e Humanas e os valores mais baixos são na área das Ciências da Saúde. Estes resultados, fazendo o paralelismo com os profissionais de saúde, podem revelar que os alunos, com mais apetências para a área da saúde, tendem a

encarar o acto de morrer como algo natural e que faz parte da vida, tentando conviver com a ideia de finitude de uma forma saudável. É necessário ter em conta, que esta forma de encarar a ideia de morte pode ser considerada de naturalista ou de indiferente (Wong, et al., 1994). No que refere à Aceitação religiosa e na Aceitação de escape os valores mais elevados foram obtidos pelas Ciências da Saúde e os valores menos elevados foram referentes à área da Comunicação. Estas diferenças encontradas poderão não ter sido significativas, eventualmente devido ao tamanho reduzido dos grupos constituídos.

Referindo a religiosidade pode-se constatar que o Medo da morte e o Evitamento da morte têm os seus valores mais elevados nos Ateus e nos Cristãos (por ordem crescente), a Aceitação de escape com valores inferiores nos Ateístas e com valores superiores nos praticantes de outras crenças religiosas e/ou espirituais. A Aceitação religiosa obteve valores mais elevados nos Cristãos e praticantes de outras crenças religiosas e/ou espirituais (por ordem decrescente) e valores mais baixos nos Ateus, com valores significativos. Como seria de esperar a Aceitação religiosa está directamente relacionada com a religiosidade, sendo que os religiosos apresentam níveis de Aceitação religiosa superiores.

No que concerne ao estado civil afirma-se que o Medo da morte apresenta valores superiores nos casados e inferiores nos solteiros. Mas no que diz respeito ao Evitamento da morte e à Aceitação religiosa, embora os solteiros continuem a apresentar os valores mais baixos, são os divorciados que apresentam valores mais elevados. Tendo em conta a Aceitação neutra e a Aceitação de escape não existem diferenças relevantes. Não foi possível ter acesso a estudos que focassem especificamente o estado civil em relação às Atitudes perante a morte.

4.2 – Escala de Ansiedade Perante a Morte (DAS)

Tendo em conta os resultados obtidos para variável idade, pode-se afirmar que a hipótese 4, que previa que a ansiedade face à morte fosse superior em idades mais jovens, não se confirmou, pois os valores mais baixos de ansiedade face à morte foram apresentados pelos alunos de idades mais jovens. Verificou-se que a faixa etária onde existe uma maior ansiedade face à morte foi entre os 24 e os 28 anos, seguidos do grupo de idades entre os 21 e os 23 anos, embora estes valores não sejam significativos.

Quanto aos resultados apresentados, tendo em conta o género, os valores superiores foram alcançados pelo sexo masculino, refutando a hipótese 2, que previa que as mulheres apresentassem maior ansiedade face à morte do que os homens.

Existem diversos estudos realizados por Conte, Weiner e Plutchic (1982), referindo que não existem diferenças significativas entre os sexos. Estes autores nos seus estudos mencionaram outros autores, tais como Dickstein (1972, 1978), Handal (1969) e Ray & Najman (1974) que obtiveram os mesmos resultados tendo em conta estas variáveis. Fortner & Neimeyer e Wong, Reker & Gesser afirmam que, no que diz respeito à variável sexo, não existem diferenças significativas entre a ansiedade face à morte demonstrada entre homens e mulheres nos resultados obtidos (Wu, et al., 2002). Mas Templer, Nelson e Simões & Neto indicam resultados diferentes, pois as suas investigações defendem que os sujeitos do sexo feminino apresentaram maior ansiedade face à morte (Silva, s/d), bem como Neimeyer & Fortner, que defendem que o género feminino apresenta um índice mais elevado de ansiedade perante a morte que o género masculino (Wu, et al., 2002). Abdel-Khalek (1991, 1998, 2000-2001, 2002), Aday, Cicirelli (1998), Depaola, Griffin, Young, & Neimeyer, Devins, Koob & Davis, Lonnetto & Templer (1988), McDonald, Oliveira & Barros (1997), Santos (1994), Suhail & Akram, Tang et al., Templer e Young & Daniels, (cit. por Santos, 2009) mostram que existem diferenças de género com propensão para o sexo feminino apresentar níveis mais elevados nos seus trabalhos. Assim como Schumaker (1991) apresenta dois resultados diferentes nos seus estudos. Num expõe os resultados de uma amostra de Japoneses em que não existe relevância nas diferenças entre os sexos e num outro estudo realizado com uma amostra de Australianos, as mulheres evidenciaram-se significativamente mais ansiosas face à morte do que os homens.

Estes resultados poder-nos-ão remeter para a questão cultural. Diferentes culturas apresentam diferentes resultados.

Tendo em conta a área de estudo a ansiedade face à morte é superior em todos os cursos e o sentido de imortalidade simbólica é inferior. Os cursos que apresentam valores mais elevados de ansiedade são os de Engenharia e Ciências Naturais e de Economia e Gestão.

A ansiedade face à morte revelou-se mais elevada nos estudantes universitários que se afirmaram ateus, contrariamente ao que afirmaram ter alguma crença religiosa e/ou espiritual.

Existem algumas divergências no que diz respeito à Ansiedade face à morte e à religiosidade, pois Holter e Epley (cit. por Simões & Neto, 1994) referem que os seus estudos relacionam a ansiedade face à morte e religiosidade com resultados contraditórios, ou seja quanto mais ansiedade o indivíduo tiver, menor serão as suas crenças religiosas e/ou espirituais. Mas Simões & Neto (1994) apresentaram num estudo resultados, que demonstram existir uma correlação significativa e positiva entre a ansiedade face à morte e religiosidade.

No que concerne ao estado civil, pode-se afirmar que a Ansiedade face à morte é superior nos solteiros, casados e divorciados e inferior para o Sentido de imortalidade simbólica. Verifica-se que os divorciados são os que apresentam um valor mais elevado de ansiedade, embora não seja estatisticamente significativo. É ainda importante salientar que os casados são os que apresentam valores mais baixos de Ansiedade face à morte. Não foram encontrados estudos que evidenciassem o estado civil e a ansiedade face à morte.

4.3 – Escala do Sentido de Imortalidade Simbólica (SSIS)

No seu geral, os alunos universitários com idades iguais compreendidas entre os 24 e os 28 anos, seguidos dos com idades iguais ou inferiores a 20 anos foram os que obtiveram valores mais elevados no que diz respeito ao Sentido de imortalidade simbólica.

Foi formulada a hipótese 3, que referia que os homens apresentariam maior desejo de imortalidade simbólica do que as mulheres. Esta hipótese foi confirmada, pois verificou-se um valor superior no Sentido de imortalidade simbólica no sexo masculino.

Mais uma vez, existem algumas diferenças nos estudos encontrados, pois existem estudos que referem que existem diferenças significativas entre os sexos no que diz respeito ao Sentido de imortalidade simbólica (sexo masculino com maior desejo de imortalidade simbólica) (Santos, 1994), enquanto existem estudos que referem não apresentar diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e o género (Santos, 2009).

Tendo em conta a área de estudo o sentido de imortalidade simbólica obteve valores mais baixos dos que a ansiedade face à morte em todas as áreas. As que apresentam valores mais baixos de sentido de imortalidade simbólica são os de Engenharia e Ciências Naturais e de Economia e Gestão, que contrariamente, como foi referido anteriormente, foram os que apresentaram valores mais elevados na ansiedade face à morte.

Quanto à religiosidade, o sentimento de imortalidade simbólica apresentou valores mais baixos nos alunos que afirmaram ser ateístas e os alunos de religião cristã, ambos sem significância considerável.

Relativamente ao estado civil significativos foram apresentados pelos solteiros, com os valores mais altos de Sentido de imortalidade simbólica. Os valores mais baixos foram apresentados pelos casados.

Não foram encontrados estudos que reforçassem ou negassem os resultados obtidos tanto na religiosidade, como no estado civil.

4.4 - Relação entre Atitudes Perante a Morte, a Ansiedade Face à Morte, o Sentido de Imortalidade Simbólica e a Idade

No estudo da relação entre as Atitudes Perante a Morte, a Ansiedade Face à Morte e o Sentido de Imortalidade Simbólica obtiveram-se resultados positivos e significativos entre a dimensão do Medo da morte e o Evitamento da morte e resultados negativos e significativos entre as dimensões Medo e Evitamento da morte com a Aceitação neutra. Quanto à Aceitação religiosa e a Aceitação de escape alcançaram-se resultados positivos com significância.

Verificou-se ainda que a Ansiedade face à morte correlaciona-se positiva e significativamente com a Aceitação neutra e negativa e significativamente com a Aceitação religiosa verificando e refutando a hipótese 9 colocada, em que se previa que a ansiedade face à morte vai ser menor, quanto mais elevadas forem as atitudes positivas perante a morte (aceitação neutra e aceitação religiosa). Esta hipótese confirma-se no que diz respeito à Aceitação religiosa, mas não se confirma no que diz respeito à Aceitação neutra.

A DAS correlaciona-se ainda negativa e significativamente com o Medo da morte, com o Evitamento da morte e com o Sentido de imortalidade simbólica. Este resultado confirma a hipótese 1, na qual se previa que a imortalidade simbólica e a ansiedade face à morte correlacionam-se negativamente e refuta a hipótese 10, na qual se previa que a ansiedade face à morte vai ser maior, quanto mais elevadas forem as atitudes negativas perante a morte (medo da morte, evitamento da morte e aceitação de escape).

No que concerne à hipótese 1 existe um número reduzido de investigações que contemplam a ansiedade perante a morte e a imortalidade simbólica (Santos, 2009). Porém a maioria destes estudos defende a existência de uma correlação negativa entre as duas

variáveis, isto é, quando a ansiedade perante a morte diminui, o desejo de imortalidade simbólica aumenta, sendo que o contrário também se verifica (Drolet, Florian & Mikulincer, Lifton; cit. por Santos, 2009; Lifton & Olson 1974 & Santos, 1994). Tendo em conta a hipótese 10, esta não se verificou, pois os resultados obtidos foram que quando a Ansiedade face à morte aumentam o Medo da morte e o Evitamento da morte diminuem. Quanto à Aceitação de escape os valores não são estatisticamente significativos para se obter nenhuma conclusão.

Relativamente ao Sentido de imortalidade simbólica, este correlaciona-se positiva e significativamente com a Aceitação de escape e o Medo da morte.

Foi ainda colocada a hipótese de que a Ansiedade face à morte e a idade se correlacionavam negativamente (Hipótese 5). Esta hipótese foi verificada, pois os resultados apontam numa relação negativa e com elevado grau de significância.

Os estudos existentes apontam em dois caminhos distintos. Alguns demonstram que parece não existir qualquer tipo de relação entre a ansiedade perante a morte e a idade (Jeffers, Nichols & Eisdorfer, Pollak, Swenson, Templer, cit. por Silva, s/d & Kastenbaum & Costa, 1977 & Conte, et al., 1982). Também existem estudos que afirmam que existe uma correlação negativa entre a ansiedade face à morte e a idade (Cicirelli, 1998; Krejci & Haysip, Oliveira & Barros, 1997; Servaty et al., Tang, Wu, & Yan, Templer, Wu, Tang, & Kwok, cit. por Santos, 2009), assim como nos estudos efectuados por Neimeyer, Templer e Thorson & Powell em que se verificou que a idade se correlaciona negativamente com a ansiedade perante a morte (Wu, et al., 2002). Num estudo comparativo entre uma amostra de Japoneses e de Australianos, com o objectivo de comparar os valores obtidos na escala de ansiedade perante a morte, foi verificado que existe uma correlação baixa, mas positiva e significativa, entre a idade e a ansiedade face à morte (Schumaker, 1991).

Quanto à hipótese 6, que previa que o desejo de imortalidade simbólica e a idade se correlacionavam positivamente, também foi confirmada, uma vez que os resultados obtidos foram de uma correlação positiva e com significância.

Tendo em conta as Atitudes perante a morte e as suas cinco dimensões (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape) verificou-se que o Medo da morte e o Evitamento da morte encontram-se positivamente correlacionados com a idade, bem como a Aceitação neutra, a Aceitação religiosa e a Aceitação de escape que se encontram negativamente correlacionados com a idade, ambos sem significância.

4.5 – Influência das Atitudes Perante a Morte e da Ansiedade Face à Morte, no Sentido de Imortalidade Simbólica

No estudo da influência das Atitudes Perante a Morte e da Ansiedade Face à Morte, no Sentido de Imortalidade Simbólica verificou-se que os itens que mais influenciam o Sentido de imortalidade simbólica são a Ansiedade perante a morte com 7,9%, assim como, a Aceitação de escape com 6,6%, o Evitamento da morte com 2,2% e finalmente a Aceitação neutra com 1,1%.

Salienta-se que as influências das diversas variáveis preditoras ocorrem num sentido positivo, no que diz respeito à Aceitação de escape e num sentido negativo, no que concerne à Ansiedade face à morte, ao Evitamento da morte e à Aceitação neutra. Pode-se então comprovar que embora as quatro variáveis influenciem o desejo de imortalidade simbólica, afectam-no de forma diferente. Sendo que a aceitação de escape é proporcional ao desejo de imortalidade simbólica, mas a ansiedade face à morte, o evitamento da morte e a aceitação neutra são inversamente proporcionais.

Tendo em conta que a Aceitação de escape é referida por Wong e os seus colaboradores (1994), como sendo uma resposta a uma vida cheia de tristezas, sofrimento e dificuldades, em que o ser humano tende a encarar a morte como uma escapatória a todas essas contradições, vendo-a como uma resposta, bem como um alívio, poder-se-á concluir que o desejo de se tornar imortal simbolicamente também estará presente como sendo um mecanismo de defesa (Lopes, 2010).

No que diz respeito à Ansiedade face à morte, os estudos existentes referem, tal como este trabalho mencionou anteriormente, que existe uma correlação negativa entre as variáveis (Santos, 1999, 2001, 2009). Ou seja quando o desejo de imortalidade simbólica aumenta, a ansiedade perante a morte diminui (Drolet, Florian & Mikulincer, Lifton; cit. por Santos, 2009 & Lifton & Olson, 1974 & Santos, 1994). Deste modo confirma-se a influência da ansiedade sobre o desejo de imortalidade simbólica, embora ocorram em sentidos opostos. Quanto mais desejo de imortalidade, uma pessoa tiver, mais irá acreditar que a sua vida se irá perpetuar através de um ou de vários modos de imortalidade simbólica (biológico, religioso, natural, criativo ou transcendental), como tal a sua ansiedade face à morte e ao acto de morrer será menor, pois a crença de finitude não existe.

Relativamente ao Evitamento da morte, que inicialmente não era contemplado na Escala dos Perfis de Atitudes Perante a Morte, constatou-se, como foi referido, que também

influenciava a variável dependente, sendo inversamente proporcional á mesma. Uma vez que este evitamento se alude a algumas pessoas que evitam o tema da morte a todos os seus níveis, desde o contacto, passando pelos pensamentos ou atitudes (Wong, et al., 1994), verifica-se que à medida que o desejo de imortalidade simbólica aumenta o evitamento da morte diminui. Todavia esta atitude de evitamento poderá ser considerada um mecanismo de defesa psicológico, com o intuito de reduzir a ansiedade, tal como é demonstrado pelo quadro 14, em que se verifica que existe uma correlação negativa e significativa entre a ansiedade face à morte e o evitamento da morte. Este resultado contrapõe o que era esperado, pois era previsto que o evitamento da morte influenciasse positivamente o desejo de imortalidade simbólica, uma vez que este surge para diminuir os níveis de ansiedade (Loureiro, 2010).

No que concerne à Aceitação neutra, isto é a aceitação de que a morte faz parte da vida e como tal tem de ser aceite devido a isso (Lopes, 2010), situa-se como sendo a variável preditora com menos influência sobre o desejo de imortalidade simbólica. Esta variável influencia negativamente a variável dependente, podendo ser explicado pelo facto das pessoas que expressam este tipo de aceitação não terem medo da morte, embora também não a desejem, aceitam que faz parte da vida e que não podem alterar essa circunstância. Deste modo, tentam viver a vida da melhor forma possível, tendo a noção de mortalidade sempre a seu lado (Wong, et al., 1994).

Capítulo V – Conclusão

O tema da morte, das Atitudes e a Ansiedade perante ela e o Sentido de imortalidade simbólica são temas que desde algumas décadas passaram a ser contempladas pela psicologia. Hoje, mais do que nunca é importante o conhecimento destes temas, uma vez que a esperança média de vida tem aumentado ao longo dos anos, bem como o crescente número de doenças crónicas e progressivas, o que prenuncia que mais tarde ou mais cedo nos iremos deparar com situações que até à altura tínhamos considerado tabu. No presente estudo, pretendeu-se investigar, na generalidade, os universitários, no sentido de perceber a influência que as suas Atitudes e Ansiedades perante a morte têm no Sentido de imortalidade simbólica.

Neste capítulo apresentam-se as conclusões do presente trabalho, considerando o objectivo estabelecido. Salientam-se ainda, algumas limitações do estudo, e sugerem-se investigações futuras.

Relativamente ao objectivo central do presente estudo, que pretendia a verificação da influência da ansiedade face à morte e dos perfis de atitudes acerca da morte, no desejo de imortalidade simbólica, realça-se que existem influências positivas e negativas entre as diferentes variáveis apresentadas. Apesar de todas as hipóteses não terem sido confirmadas, este estudo permitiu uma maior compreensão da Ansiedade face à morte e do Sentido de imortalidade simbólica, bem como das Atitudes perante a morte composta pelas suas cinco dimensões (Medo da morte, Evitamento da morte, Aceitação neutra, Aceitação religiosa e Aceitação de escape). Permitiu concluir que existem correlações negativas entre a Ansiedade face à morte e o Sentido de imortalidade simbólica, mas também entre a ansiedade face à morte e as dimensões do Medo da morte, Evitamento da morte e Aceitação religiosa. Obtiveram-se também correlações positivas entre o Sentido de imortalidade simbólica e a Aceitação de escape e o medo da morte, assim como da ansiedade face à morte e a Aceitação neutra.

Foi também comprovado que as Atitudes perante a morte que o ser humano tem ao longo da sua vida, bem como a sua Ansiedade perante a morte influenciam o Desejo de imortalidade simbólica.

Tendo em conta as análises que se efectuaram com os dados demográficos é pertinente salientar que os resultados para a idade mostraram que o sentimento de imortalidade simbólica depende uma grande maioria das vezes da construção da identidade, ou seja, não é impermeável à idade.

No que se refere às limitações do presente estudo, começa por se referir a dimensão reduzida de alguns grupos constituídos na amostra, o que poderá ter contribuído para a que os resultados obtidos não fossem significativos, em algumas análises.

Em investigações futuras seria interessante a replicação do estudo com uma amostra de maior dimensão, bem como de um estudo com uma população diferente. Seria importante replicar o estudo, complementando-o com a utilização de instrumentos que avaliassem o sentido de vida e a qualidade de vida, como variáveis mediadoras entre as Atitudes perante a morte, a Ansiedade face à morte e o Sentido de imortalidade simbólica. Quanto ao questionário sociodemográfico seria importante adicionar a informação do número de filhos e da sua profissão. Deste modo será possível efectuar um estudo mais aprofundado acerca dos modos de Imortalidade Simbólica (Modo biológico, Modo criativo, Modo natural, Modo religioso e Modo transcendental).

Relativamente a possíveis estratégias de intervenção, salienta-se que além de ser necessário uma educação para a vida dos nossos jovens adultos e mesmo dos adultos, é necessário uma educação para a morte, de modo a que se desmistifiquem diversas situações perante a morte e o morrer e consequentemente que o ser humano tenha uma melhor preparação para lidar com este tema, uma vez que vai estar sempre presente na nossa vida.

É ainda pertinente realçar que o presente trabalho não só serviu para dar respostas, mas também para levantar diversas questões, no sentido de nos alertar, que o nosso conhecimento acerca deste tema é muito reduzido.

Bibliografia Citada

- Abdel-Khalek, A.M. (1998). Death, anxiety, and depression in Lebanese undergraduates. *Omega: Journal of Death and Dying*, 37, 289-302.
- Abdel-Khalek, A.M. (2003). Death anxiety in Spain and five Arab countries. *Psychological Reports*, 93, 527-528.
- Antunes, M. I. & Moeda, A. (2005). Ao encontro da morte – o impacto das emoções do médico no cuidado ao doente. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 21, 353-357.
- Axelrod, C. D. (1986-7). Reflections on the fear of death. *Omega: Journal of Death and Dying*, 17, 51-64.
- Barbosa, A. (2003). Pensar a morte nos cuidados de saúde. *Análise Social*, XXXVIII (166), 35-49.
- Beers, M. H., Fletcher, A. J., Jones, T. V., Porter, R. & Berkwitz, M. (2008). *The Merck manual of medical information*. (2ª ed., p. 1952). Retirado: Maio, 31, 2011, de <http://www.manualmerck.net/?id=109>.
- Carvalho, M. I. B. (1991). *Atitudes Perante a Morte*, Livraria Minerva, Coimbra.
- Conte, H., Weiner, M. & Plutchik, R. (1982). Measuring death anxiety: Conceptual, psychometric, and factor-analytic aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 775-785.
- Dias, C. A. & Loureiro, L. M. (2005). Sentimento de imortalidade simbólica e ansiedade perante a morte em toxicodependentes. *Revista População e Sociedade*, 12, 123-132.
- Feifel, H. (1990). Psychology and Death: Meaningful rediscovery. *American Psychologist*, 4, 537-543.
- Feifel, H. & Branscomb, A. (1973). Who's afraid of death? *Journal of Abnormal Psychology*, 81, 38-45.
- Feifel, H. & Nagy, T. (1981). Another look at fear of death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49, 278-286.
- Figueiredo, E. (1993). *Angústia ecológica e o futuro*, Lisboa, Trajectos Portugueses Gradiva.
- Hennezel, M. (2006). *Morrer de olhos abertos* (1st ed., p. 187), Cruz Quebrada: Casa das Letras. (Original publicado em 1997)
- Hennezel, M. (2009). *Diálogo com a morte* (7nd ed., p. 173), Alfragide: Casa das Letras. (Original publicado em 1997)

- Kastenbaum, R. (1999). *The Psychology of Death Anxiety*. (3rd ed., p. 319). Retirado: Março, 21, 2011, de <http://www.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=oeLg05VoZgcC&oi=fnd&pg=PA1&dq=The+psychology+of+death>.
- Kastenbaum, R. & Costa P. T. (1977). Psychological Perspectives on Death. *Annual Review of Psychology*, 28, 225-249.
- Kübler-Ross, E. (2008). *Sobre a morte e o morrer* (9nd ed., p. 295), São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora. (Original publicado em 1981)
- Lester, D. (1967). Experimental and correlational studies of fear of death. *Psychological Bulletin*, 67, 27-36.
- Lifton, R. J. (1993), *The protean self, human resilience in an age of fragmentation*, New York, Basic Books.
- Lifton, R. J. (1979). *The Broken Connetion: on death and the continuity of life*, New York, Simon & Schuster.
- Lifton, R. J. (1973). The sense of immortality: on death and the continuity of life. *American Journal of Psychoanalysis*, 33, 3-15.
- Lifton, R. J. & Olson, E. (1974), *Living and Dying*. New York, Praeger Publisher.
- Lima, L. P. (2006). Psicologia Social. In J. Vala & M. Monteiro (Coord.), *Atitudes: Estrutura e Mudança* (7nd ed., pp.187-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, T. P. (2010). Atitudes perante a morte e ansiedade e depressão em cuidadores profissionais de cuidados paliativos. Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de mestre, orientada por Maria Eugénia Duarte Silva, Lisboa.
- Loureiro, L. (2010). Tradução e adaptação da versão revista da escala de avaliação do perfil de atitudes acerca da morte (EAPAM). *Revista de Enfermagem Referência*, 3, 101-108.
- Loureiro, L. (2004). Tradução e adaptação da versão revista da escala de ansiedade perante a morte (Revised death anxiety scale – DAS-R) – Estudo realizado numa amostra de profissionais de saúde. *Revista de Enfermagem Referência*, 12, 5-14.
- Michalopoulou, A. M. & Michalopoulou E. (2002). Social handling of death. *Icus Nurs Web J*, 12, 1-7.
- Morin, E. (1973). *O Paradigma perdido: A natureza humana*, Mem Martins, Europa América.
- Morin, E. (1970). *O homem e a morte*. Lisboa, Europa-América.

- Noppe, I. C. & Noppe, L. D. (2004). Adolescent experiences with death: letting go of immortality: *Journal of Mental Health Counselling*, 26, 146-167.
- Oliveira, J. H. B. & Barros, A. M. (1997). Definições e representações da morte: resultados em jovens estudantes cabo-verdianos e portugueses. *Revista Portuguesa de Educação*, 10, 15-23.
- Oliveira, J. B. & Neto, F. (2004). Validação de um instrumento sobre diversas perspectivas da morte. *Análise Psicológica*, 2, 355-367.
- Pereira, A. (2006). SPSS: Guia Prático de Utilização (6nd ed., p. 243), Lisboa, Edições Sílabo.
- Pereira, F. (2009). Relações Interpessoais – Conceitos de aceitação, rejeição, interdependência e reciprocidade. *Interacção e Cooperação*, acedido em <http://interacoecooperacao.blogspot.com/2009/03/relacoes-interpessoais-conceitos-de.html>, em 18 de Maio de 2011.
- Primo, J. & Mateus, D. (2008). Normas para elaboração e apresentação de teses de doutoramento (Aplicáveis às dissertações de mestrado). *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias*, 4, 1-54.
- Ramos, M. J. (1987). A morte, categoria lógica no pensamento simbólico. *Psicologia*, V, 163-166.
- Ray, J. J. & Najman, J. (1974). Death anxiety and death acceptance: a preliminary approach. *Omega*, 4, 311-315.
- Rebelo, J. E. (2007). *Desatar o Nó do Luto* (3nd ed., p. 170), Cruz Quebrada, Casa das Letras. (Original publicado em 2004)
- Rebelo, J. E. (2009). *Amor, Luto e Solidão*, Alfragide, Casa das Letras.
- Robertson, J., Jay, J. & Welch, S. (1997). Can collection during the grieving process be justifiable? *British Journal of Nursing*, 6, 759-764.
- Santos, A. F. R., Lima, L. N. & Santos, P. I. (2009). Voluntariado e ansiedade perante a morte no idoso aposentado. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 74-84.
- Santos, P. I. (1999). Ansiedade perante a morte e imortalidade simbólica: Outro diálogo com os deficientes motores. Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia do Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de mestre, orientada por Eurico Figueiredo, Lisboa.
- Santos, P. I. (2001). *Ninguém Morre*, Lisboa, Editorial Minerva.

- Santos, P. I. (2005). Imortalidade simbólica e identificação por delegação os contributos de Robert Jay Lifton e Eurico Figueiredo. *Revista População e Sociedade*, 12, 133-138.
- Santos, P. I. & Pinto, I. (2009). Imortalidade simbólica e ansiedade perante a morte numa amostra de estudantes universitários. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 6, 380-388.
- Santos, P. I. & Bastos, C. (2009). Miguel Torga – Das raízes para a imortalidade. *Veredas*, 11, 45-58.
- Schumaker, J. F., Warren, W. G. & Groth-Marnat, G. (1991). Death anxiety in Japan and Australia. *Journal Social Psychology* 4, 511-518.
- Silva, A. (s/d). Ansiedade face à morte: um constructo, um instrumento. *Escola Superior de Tecnologias e Educação de Fafe*, 599-607.
- Simões, A. & Neto, F. (1994). Ansiedade face à morte. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 28, 79-96.
- Thorson, A. J. & Powell, F. C. (1993), Personality, death anxiety and gender, *Bulletin of the Psychonomic Society*, 31 (6), 589-590.
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (2006). *Psicologia Social* (7nd ed., p. 625), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Original publicado em 1993)
- Vieira, A. B. (1987). Da morte e do morrer. *Psicologia*. V, 139-145.
- Vinter, M. (1994). An insight into the afterlife? Informing patients about near death experiences, *Professional Nurse*, 10, 171-173.
- Wong, P. T. P., Reker, G. T. & Gesser, G. (1994). *Death Anxiety Handbook – Research, Instrumentation and application*. (1ª ed., sec. 6, cap. 121). Retirado: Fevereiro, 16, 2011, de <http://books.google.pt/books>.
- Wu, A. M. S., Tang, C. S. K. & Kwok, T. C. Y. (2002). Death anxiety among Chinese elderly people in Hong Kong. *Journal of Aging and Health*. 1, 42-56.

Bibliografia de Referência

- Abdel-Khalek, A.M. (1997). Death, anxiety, and depression. *Omega: Journal of Death and Dying*, 35, 219-229.
- Abdel-Khalek, A.M. (2001). Death, anxiety, and depression in Kuwaiti undergraduates. *Omega: Journal of Death and Dying*, 42, 309-320.
- Collet, L. & Lester, J. (1969). The fear of death and the fear of dying. *The Journal of Psychology*, 72, 179-181.
- Costa, N. F. (1987). A morte na apropriação da imagem. *Psicologia*, V, 157-161.
- Durães, J. M. (2007). Imortalidade simbólica e ansiedade perante a morte: estudo comparativo com esquizofrénicos. *Edições Universidade Fernando Pessoa*, 159-189. Acedido em 14 de Novembro de 2010, em <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1897/3/159-189.pdf>.
- Ellis, J. B. & Stump, J. E. (2000). Parent's perceptions of their children's death concept. *Death Studies: ProQuest Psychology Journals*, 24, 65-70.
- Feifel, H. (1969). Attitudes toward death: A psychological perspective. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 3, 292-295.
- Feifel, H. (1955). Attitudes of mentally ill patients toward death. *Journal of Nervous and Mental Disease*. 122, 375-380.
- Feytor, P. V. (1991). Entre a vida e a morte, a razão da esperança. *Servir*, 39, 8-22.
- Frommelt, K. (1991). The effects of death education on nurses attitudes toward caring for terminally ill persons and their families. *American Journal of Hospice and Palliative Care*, 8, 37-43.
- Fry, P. S. (2003). Perceived self-efficacy domains as predictors of fear of the unknown and fear of dying among older adults. *Psychology and Aging*, 3, 474-486.
- Gameiro, A. (1993). A morte e o projecto de vida dos enlutados, idosos e doentes: Para uma visão sistémica das atitudes sobre a morte alheia e própria. *Hospitalidade*, 57, 24-29.
- Kovács, M. J. (2008). *Morte e desenvolvimento humano* (2nd ed., p. 243), São Paulo: Caso do Psicólogo Livraria e Editora. (Original publicado em 1995)
- Kübler-Ross, E. (2008a). *Acolher a morte* (1st ed., p. 324), Cruz Quebrada: Estrela Polar. (Original publicado em 1969)
- Kübler-Ross, E. (2008b). *A Roda da vida – Memórias da vida e da morte* (1nd ed., p. 332), Cruz Quebrada: Estrela Polar. (Original publicado em 1997)

- Loo, R. (1984). Personality correlates of the fear of death and dying scale. *Journal of Clinical Psychology*, 40, 120-122.
- Macedo, E. F. D. C., Macedo, J. C. G. M., Gomes, M. F. P. & Peres, P. C. S. E. (2010). Educar para a morte e a promoção da saúde mental. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 3, 48-53.
- Mdleleni-Bookholane, T. N., Schoeman, W. J. & Merwe, I. V. D. (2004). The development in the understanding on the concept of death among black South African learners from the eastern cape, South Africa. *Health SA Gesondheid*, 4, 3-14.
- Muller, G. C. K. (2006). Na busca de respostas: livros didáticos de ensino religioso e a abordagem de vida transcendente. *UNirevista*, 1, 1-7.
- Neimeyer, R., Wittkowsky, J. & Moser, R. (2004). Psychological research on death attitudes: an overview and evaluation. *Death Studies*, 28, 309-340.
- Nunes, D. C., Carraro, L., Jou, G. I. & Sperb, T. M. (1998). As crianças e o conceito de morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 579-590.
- Oliveira, T. (2007). *Teses e dissertações*. Lisboa, Editora RH.
- Pimentel, J. (1992). Atitudes de ontem e de hoje face à morte: Perspectivas históricas e religiosas. *Divulgação*, 22, 28-33.
- Pyszczynski, T., Greenberg, J. & Solomon, S. (2000). Proximal and distal defense: a new perspective on unconscious motivation. *Psychological Science*, 9, 156-160.
- Rebelo, P. V. & Borges, G. F. (2009). Contributos para o estudo do desenvolvimento adulto: reflexes em torno da generatividade. *Práxis Educacional*, 7, 97-114.
- Reis, J. R. (1996). O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e “Annales”: Uma articulação possível. *Síntese Nova Fase*, 23, 229-252.
- Santos, F. S. (2007). Perspectivas histórico-culturais da morte. *A Arte de Morrer – Visões Plurais*, 13-25.
- Santos, P. I. (2005). Hans Christian Andersen e o poder terapêutico dos contos de fadas. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 2, 46-59.
- Santos, P. I., Figueiredo, E., Gomes, I. & Sequeiros, J. (2010). Death Anxiety and Symbolic Immortality in relatives at risk for familial amyloid polyneuropathy type I (FAP I, ATTR V30M). *J. Genet Counsel*, 19, 585-592.
- Schaller, S., Lester, D. & Abdel-Khalek, A. (2003). Attitudes toward physician assisted suicide and death anxiety. *Psychological Reports*, 93, 641-642.

- Schumaker, J. F., Barraclough, R. A. & Vagg, L. M. (1988). Death anxiety in Malaysian and Australian university students. *Journal of Social Psychology*, 128, 41-47.
- Sousa, M. P. (1987). O devir existencial do velho perante a morte. *Psicologia*, V, 147-150.
- Tomer, A. & Eliason, G. (1996). Toward a comprehensive model of death anxiety. *Death Studies: ProQuest Psychology Journals*, 20, 343-365.

Índice Remissivo

A

Amostra · 13, 35, 40, 44, 55, 56, 58, 62,

65, 66, 67, 68, 79, 82, 87, 89, 91

Análise · 8, 40, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 59,

60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73,

77, 88, 90

Ansiedade · 4, 6, 7, 8, 32, 36, 40, 41, 47,

56, 67, 71, 72, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83,

86, 87, 90, 91

Ansiedade face à morte · 4, 6, 8, 12, 13,

20, 22, 26, 27, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40,

41, 42, 47, 51, 55, 56, 69, 73, 74, 78, 79,

80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 91

Ansiedade perante a morte · 6, 7, 8, 13, 20,

21, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 47,

56, 65, 67, 68, 74, 78, 79, 81, 82, 83, 88,

89, 90, 91, 92

Atitudes perante a morte

Aceitação de escape · 4, 13, 40, 41, 42,

52, 53, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64,

71, 72, 73, 74, 77, 78, 81, 82, 83, 86

Aceitação neutra · 4, 13, 40, 41, 42, 51,

52, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63,

64, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 81, 82, 83,

84, 86

Aceitação religiosa · 13, 40, 41, 42, 52,

53, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 71,

72, 73, 75, 77, 78, 81, 82, 86

Atitudes negativas · 4, 39, 42, 77, 81

Atitudes perante a morte · 4, 6, 7, 8, 13,

18, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 51, 53, 56,

58, 59, 60, 62, 63, 71, 72, 73, 74, 77,

78, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89

Atitudes positivas · 42, 81

Evitamento da morte · 4, 13, 40, 41, 42,

52, 53, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64,

71, 72, 73, 74, 77, 78, 81, 82, 83, 86

Medo da Morte · 12, 13, 16, 20, 21, 22,

25, 27, 28, 31, 33, 39, 40, 41, 42, 51,

52, 53, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64,

71, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 82, 84, 86

C

Correlação · 10, 13, 71, 72, 73

Crenças · 12, 25, 30, 32, 33, 36, 37, 38, 45,

46, 47, 48, 51, 52, 63, 69, 78, 79, 80, 83

D

Dados Sociodemográficos · 4, 10, 44, 46

E

Estado civil · 10, 41, 44, 45, 47, 56, 62, 64,

69, 70, 78, 80, 81

Estatística descritiva · 8, 10, 46, 56, 58, 65

H

Homogeneidade · 44, 45

Humano · 12, 13, 16, 18, 19, 21, 22, 23,

24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 37,

38, 39, 40, 51, 83, 86, 87, 92

I

Idade · 4, 8, 10, 13, 19, 21, 22, 27, 28, 34,
35, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 56, 59,
60, 65, 66, 72, 73, 78, 81, 82, 86

Imortalidade · 4, 7, 8, 23, 25, 36, 40, 41,
48, 56, 71, 72, 74, 80, 81, 83, 90, 91, 92

Imortalidade simbólica

Imortalidade simbólica · 4, 6, 7, 8, 12,
13, 16, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31,
32, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 48, 49, 50,
55, 56, 65, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80,
81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 91, 92

Modo biológico · 30, 50

Modo criativo · 30, 50

Modo natural · 30, 50, 52

Modo religioso · 30, 50

Modo transcendental · 31, 50

Influência · 4, 8, 10, 13, 39, 40, 55, 56, 74,
83, 84, 86

Investigação · 13, 19, 25, 29, 34, 35, 39,
41, 44, 55, 79, 81, 86, 87

M

Morte

Morrer · 88, 93

Morte · 1, 4, 7, 12, 13, 16, 17, 18, 19,
20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29,
30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39,

40, 41, 42, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56,
58, 59, 60, 62, 71, 72, 73, 77, 78, 79,
80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90,
91, 92, 93, 94

P

Personalidade · 12, 19, 21, 22

Psicologia · 12, 18, 19, 25, 30, 37, 44, 46,
47, 49, 61, 68, 69, 86, 89, 90, 91, 92, 93,
94

Psicologia da educação · 12, 19

Psicologia social · 12, 19, 37

R

Relação · 8, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 24, 25,
26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 40, 41, 44, 48,
49, 50, 59, 66, 71, 72, 73, 78, 81, 82

Religiosidade · 8, 10, 21, 35, 38, 40, 45,
46, 56, 62, 63, 69, 78, 79, 80, 81

S

Saúde · 44, 46, 61, 62, 68, 69, 77, 91, 93

Sexo · 8, 10, 21, 22, 34, 35, 40, 41, 42, 44,
45, 46, 47, 53, 56, 60, 66, 67, 77, 79, 80

Sociodemográfico · 13, 41, 56

Apêndices

Apêndice I

_____|_____|_____|

No âmbito de um estudo universitário, vimos por este meio pedir a sua colaboração para participar numa investigação, que tem como objectivo avaliar a ansiedade e atitudes face à morte, em pessoas que estão inseridas no contexto universitário.

Neste sentido solicitamos o seu consentimento e participação às questões que se seguem.

Não existem respostas certas ou erradas e em caso de alguma dúvida não hesite em perguntar.

A sua participação é totalmente voluntária, anónima e confidencial; todos os dados recolhidos são para fins exclusivamente estatísticos.

A qualquer altura pode desistir do preenchimento deste protocolo.

Obrigada pela sua colaboração e disponibilidade

_____/_____/_____

Questionário Sócio-Demográfico

Por favor responda a todas as questões:

Género: Masculino ____

Feminino ____

Idade: ____ anos

Estado Civil: Solteiro(a) ____

Casado (a) ____

Divorciado (a) ____

Viúvo (a) ____

Nacionalidade: _____

Curso: _____

Ano: _____

Trabalhador / Estudante: Sim ____

Não ____

Meio onde reside: Rural _____

Urbano _____

Crenças Religiosas/Espirituais? Sim ____

Não ____

Qual? _____

Escala de Ansiedade Perante a Morte (DAS)***Donald I. Templer (1982), adaptada por Paula Isabel Santos (1999)***

Abaixo encontra-se 15 afirmações. É-lhe pedido que indique a sua opinião sobre cada uma das referidas afirmações, de acordo com a escala que vai desde Concordo Plenamente a Discordo Plenamente. Não há respostas boas ou más; todas são boas se sinceras. O questionário é anónimo. Obrigada pela sua colaboração.

Por favor, marque a primeira resposta que lhe ocorrer para cada uma das afirmações.

1= Concordo Plenamente

2= Concordo

3= Neutro

4= Discordo

5= Discordo Plenamente

1. Tenho medo de morrer.	1	2	3	4	5
2. Raramente me vem à cabeça a ideia de morte.	1	2	3	4	5
3. Não fico nervoso quando as pessoas falam de morte.	1	2	3	4	5
4. Horroriza-me pensar que poderei vir a ser operado.	1	2	3	4	5
5. Não tenho medo nenhum de morrer.	1	2	3	4	5
6. Não estou particularmente preocupado com o facto de vir a ter um cancro.	1	2	3	4	5
7. A ideia de morte nunca me perturba.	1	2	3	4	5
8. Muitas vezes sinto-me mal quando o tempo passa depressa.	1	2	3	4	5
9. Tenho medo de vir a ter uma morte dolorosa.	1	2	3	4	5
10. O tema da vida para além da morte preocupa-me muito.	1	2	3	4	5
11. Assusta-me vir a ter um ataque cardíaco.	1	2	3	4	5
12. Frequentemente penso que a vida é realmente curta.	1	2	3	4	5
13. Fico perturbado quando as pessoas falam da terceira guerra mundial.	1	2	3	4	5
14. Horroriza-me ver um cadáver.	1	2	3	4	5
15. Penso que o futuro não me trará nada que eu receie.	1	2	3	4	5

Escala do Sentido de Imortalidade Simbólica (SSIS)***Jean-Louis Drolet (1986), adaptada por Paula Isabel Santos (1999)***

Abaixo encontra-se 26 afirmações. É-lhe pedido que indique a sua opinião sobre cada uma das referidas afirmações, de acordo com a escala que vai desde Concordo Plenamente a Discordo Plenamente. Não há respostas boas ou más; todas são boas se sinceras. O questionário é anónimo. Obrigada pela sua colaboração.

Por favor, marque a primeira resposta que lhe ocorrer para cada uma das afirmações.

1= Concordo Plenamente

2= Concordo

3= Neutro

4= Discordo

5= Discordo Plenamente

1. Desenvolvi uma compreensão própria da existência que me ajuda a apreciar a vida ao máximo.	1	2	3	4	5
2. O ambiente que me rodeia é muito saudável.	1	2	3	4	5
3. Nada de interessante acontece na minha vida.	1	2	3	4	5
4. Não tenho qualquer influência nos que me rodeiam.	1	2	3	4	5
5. Não tenho valor aos olhos da sociedade.	1	2	3	4	5
6. Se eu morresse hoje, sinto que nenhuma marca ou influência minha restaria.	1	2	3	4	5
7. Participo no desenvolvimento de muitas pessoas.	1	2	3	4	5
8. Sinto que apesar da minha inevitável morte serei sempre parte integrante do mundo.	1	2	3	4	5
9. Sinto que faço tudo o que quero na vida.	1	2	3	4	5
10. Tenho certos valores ou crenças que me ajudam a aceitar ou ultrapassar a minha condição de mortal.	1	2	3	4	5
11. Tenho a impressão de que a natureza humana está condenada à morte e à destruição.	1	2	3	4	5
12. O relacionamento íntimo assusta-me.	1	2	3	4	5

13. Quando me decido fazer algo faço-o com interesse.	1	2	3	4	5
14. Às vezes sinto-me muito só.	1	2	3	4	5
15. A eventualidade da minha morte contribui para dar sentido à minha vida.	1	2	3	4	5
16. A minha vida sexual contribui muito para o meu bem-estar.	1	2	3	4	5
17. Tenho dificuldade em começar coisas novas.	1	2	3	4	5
18. Sinto-me confortável no meu corpo.	1	2	3	4	5
19. A minha vida amorosa dá-me pouca alegria.	1	2	3	4	5
20. Sinto-me competente naquilo que faço.	1	2	3	4	5
21. Se eu morresse hoje tenho a impressão que continuaria vivo na mente de certas pessoas.	1	2	3	4	5
22. Sinto-me cheio de energia e vitalidade.	1	2	3	4	5
23. Não tenho a certeza quem sou.	1	2	3	4	5
24. Estou satisfeito com a minha vida até agora.	1	2	3	4	5
25. Tenho bom relacionamento com os outros.	1	2	3	4	5
26. Sinto que não aproveito bem o meu tempo.	1	2	3	4	5

***Perfil de Atitudes Perante a Morte – Revisto
(Wong, Reker & Guesser, 1994)***

Este questionário contém uma série de afirmações relativas a diferentes atitudes perante a morte.

Leia atentamente cada afirmação, e depois indique o quanto concorda ou discorda com a mesma. Por exemplo um item pode afirmar “A morte é uma amiga”. Indique o quanto concorda ou discorda, desenhando um círculo, em torno da opção, ou fazendo um X, sobre a mesma (o que for mais simples para si). As opções de resposta vão do Concordo MUITÍSSIMO ao Discordo MUITÍSSIMO e do Discordo MUITÍSSIMO ao Concordo MUITÍSSIMO.

Se concordar MUITÍSSIMO com a afirmação fará um círculo em torno da opção “Concordo MUITÍSSIMO”. Se discordar MUITÍSSIMO com a afirmação fará um círculo em torno da opção “Discordo MUITÍSSIMO”. Se estiver indeciso, escolha a opção “Não Concordo nem Discordo”. Tente no entanto usar esta opção o menos possível.

É importante que pense bem em cada afirmação e que responda a todas elas.

Muitas das afirmações podem parecer semelhantes, mas todas são necessárias para evidenciar pequenas diferenças ao nível das atitudes.

1. A morte constitui sem dúvida uma experiência terrível.

Discordo MUITÍSSIMO	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo MUITÍSSIMO
---------------------	----------	------------------------	---------------------------	------------------------	----------	---------------------

2. Perspectivar a minha própria morte gera-me ansiedade

Discordo MUITÍSSIMO	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo MUITÍSSIMO
---------------------	----------	------------------------	---------------------------	------------------------	----------	---------------------

3. Evito pensamentos acerca da morte a todo o custo

Discordo MUITÍSSIMO	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo MUITÍSSIMO
---------------------	----------	------------------------	---------------------------	------------------------	----------	---------------------

4. Acredito que irei para o Céu depois de morrer

Discordo MUITÍSSIMO	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo MUITÍSSIMO
---------------------	----------	------------------------	---------------------------	------------------------	----------	---------------------

5. A morte porá fim a todos os meus problemas

Discordo MUITÍSSIMO	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo MUITÍSSIMO
---------------------	----------	------------------------	---------------------------	------------------------	----------	---------------------

6. A morte devia ser olhada como um acontecimento natural, inegável e inevitável.

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo Muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

7. Perturba-me o facto da morte ser irreversível

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo Muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

8. A morte é uma passagem para um local de satisfação plena

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo Muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

9. A morte permite escapar deste mundo terrível

Discordo muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo Muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

10. Sempre que me ocorrem pensamentos acerca da morte, procuro afastá-los

Discordo muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

11. A morte é a libertação da dor e do sofrimento

Discordo muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

12. Tento sempre não pensar na morte

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

13. Acredito que o céu será um local bem melhor do que este mundo

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

14. A morte é um aspecto natural da vida

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

15. A morte é a união com Deus e com a felicidade eterna

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

16. A morte traz uma promessa de uma vida nova e gloriosa

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

17. Não temerei a morte mas também não a receberei de braços abertos

Discordo muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

18. Tenho um intenso medo da morte

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

19. Evito por completo pensar na morte

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

20. O tema da vida depois da morte perturba-me bastante

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

21. O facto da morte poder significar o final de tudo o que conheço assusta-me

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

22. Aguardo com expectativa a reunião com os que amei, depois da morte

Discordo muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

23. Vejo a morte como alívio do sofrimento terreno

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

24. A morte é simplesmente uma parte do processo da vida

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

25. Vejo a morte como uma passagem para um lugar eterno e abençoado

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

26. Tento não me envolver em nada que tenha a ver com o tema da morte

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

27. A morte oferece a maravilhosa libertação da alma

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

28. Uma das coisas que me conforta perante a morte é a minha crença numa continuidade da vida depois da morte

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

29. Vejo a morte como alívio dos fardos desta vida

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

30. A morte não é boa nem má

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

31. Aguardo com expectativa a vida depois da morte

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

32. A incerteza de não se saber o que acontece depois da morte preocupa-me

Discordo Muitíssimo	Discordo	Discordo Moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo muitíssimo
------------------------	----------	---------------------------	------------------------------	---------------------------	----------	------------------------

Obrigada pela sua colaboração

Apêndice II

Solicitação das escalas: DAS e SSIS

« Voltar a "Tese" Remover marcador "Tese" Denunciar spam Eliminar Mover para Marcadores Mais ações

pedido de informações Tese | X

☆ susana pinto para psantos [mostrar detalhes](#) 25/11/10 Responder

Exma. Dra. Paula Santos

Sou aluna do Mestrado de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, de último ano. Durante a minha pesquisa bibliográfica para realizar a minha investigação deparei-me com o artigo da sua tese "Imortalidade Simbólica e Ansiedade perante a Morte numa Amostra de Estudantes Universitários" a qual me despertou um enorme interesse, uma vez que me propus a "estudar" a Ansiedade e o Perfil de Atitudes Face à Morte, tendo em conta a Imortalidade Simbólica em estudantes universitários.

Gostaria de saber se me poderia disponibilizar a sua tese na íntegra, de modo a conseguir perceber melhor os resultados obtidos. Gostaria ainda de saber como posso obter as escalas e respectivos protocolos de cotação, uma vez que tenho tido imensa dificuldade em encontrá-los.

Desde já agradeço a atenção dispensada

Com os melhores cumprimentos
--
Susana Pinto

Responder Encaminhar

« Voltar a Correio enviado Arquivar Denunciar spam Eliminar Mover para Caixa de entrada Marcadores Mais ações

Pedido de apoio

☆ susana pinto para geral [mostrar detalhes](#) 29/11/10 Responder

Exma Dra. Paula Isabel Santos

Sou aluna da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa e encontro-me no último ano do Mestrado de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia.

A ansiedade face à morte e todos os processos envolventes sempre despertou em mim um grande interesse. Como tal, durante a minha pesquisa bibliográfica para a elaboração da minha tese, deparei-me com o artigo referente à Tese de Mestrado da Dra. Paula, "Imortalidade Simbólica e Ansiedade perante a morte numa amostra de estudantes universitários". Neste seguimento, gostaria de saber se é possível encontrar-me com a Dra. Paula, pois necessitava de alguma ajuda, no que diz respeito às escalas utilizadas.

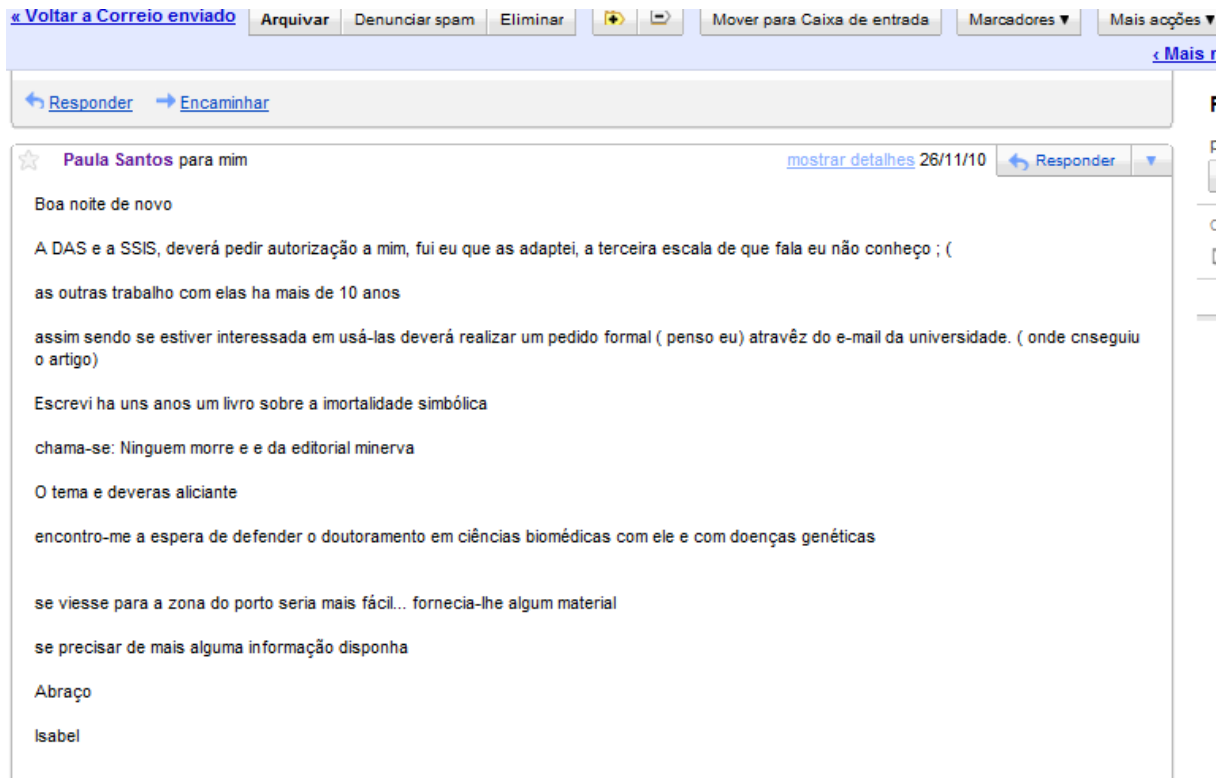
Os meus dados são:

Susana Fátima Silva Pinto
969549797
susana.silvap@gmail.com

Sem outro assunto, agradecendo desde já a atenção dispensada

Com os melhores cumprimentos

Internet | Modo Protegido: Activado



Solicitação da escala: DAP-R

[« Voltar a "Tese"](#) [Remover marcador "Tese"](#) [Denunciar spam](#) [Eliminar](#) [+](#) [-](#) [Mover para ▼](#) [Marcadores ▼](#) [Mais ações ▼](#)

Pedido de informações Tese | X

☆ susana pinto para luisloureiro

[mostrar detalhes](#) 03/12/10 [Responder](#)

Exmo. Dr. Luis Loureiro

O meu nome é Susana Pinto, sou aluna da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, de Lisboa e encontro-me no último ano do mestrado de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia. No seguimento da pesquisa bibliográfica que tenho realizado para concretizar a minha tese, deparei-me com um artigo da sua autoria "Tradução e adaptação da versão revista da Escala de Avaliação do Perfil de Atitudes acerca da Morte (EAPAM)". Gostaria de utilizar esta escala na minha investigação, como tal venho solicitar a sua autorização e gostaria de saber se me poderia facultar o protocolo de cotação, uma vez que tenho procurado e ainda não consegui ter acesso a ele.

Agradeço desde já a atenção dispensada, sem outro assunto de momento

Subscrevo-me com os melhores cumprimentos

—
Susana Pinto

☆ luisloureiro@esenfc.pt para mim

[mostrar detalhes](#) 07/12/10 [Responder](#)

Olá Dra. Susana.

Não tenho qualquer problema em lhe facultar a escala e a forma de cotação.

Diga-me qualquer coisa sobre o seu projecto.

Atenciosamente, Luís Loureiro